H. S. Charmberlain

Cristo não é um Judeu!

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

H.S. Chamberlain

Cristo não é Judeu!

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

INTRODUÇÃO.....5
I. OS GALILEUS.....8
II. RELIGIÃO.....19
III. CRISTO NÃO É JUDEU.....25
IV. RELIGIÃO HISTÓRICA.....31
V. A VONTADE NOS SEMITAS.....39
VI. PROFETISMO.....45
VII. CRISTO, UM JUDEU.....46
VIII. O SÉCULO XIX.....48

“Disseram-lhe eles: Nós não somos nascidos da fornicação, temos por pai a Deus. Disse-lhes Jesus: … Por que não entendeis a minha linguagem? Porque não podeis ouvir a minha palavra. Vós tendes por pai o Diabo, e quereis fazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não se manteve na verdade porque a verdade não estava nele.”

São João, VIII

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros caiados, belos por fora, mas por dentro cheios de ossos de mortos e de toda sorte de imundícies! Assim também vós, por fora, pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade… Serpentes, raça de víboras!”

São Mateus, XXIII

Editoria Milicia

Pela virtude de Um, todos chegaram à verdadeira salvação. – Mahabharata

INTRODUÇÃO

Diante de nossos olhos encontra-se uma imagem incomparável; essa imagem é a herança que recebemos de nossos pais. A importância histórica do cristianismo não pode ser apreciada e julgada com precisão sem o conhecimento exato dessa imagem; ao contrário, não é válido, e a figura de Jesus Cristo hoje se apresenta mais obscurecida e distante, em decorrência da evolução histórica das igrejas, do que revelada ao nosso olhar perspicaz. Observar essa figura apenas através de um dogma limitado por tempo e lugar significa colocar-se voluntariamente através de filtros que restringem a visão do divinamente eterno a uma pequena medida. De qualquer forma, precisamente a imagem de Cristo é pouco tocada pelos dogmas eclesiásticos; todos eles são tão abstratos que não fornecem ponto de apoio nem à razão nem ao sentimento; aplica-se a eles, em geral, o que um testemunho não tendencioso, santo Agostinho, diz sobre o dogma da Trindade: “Falamos, portanto, de três pessoas, não porque tenhamos a ilusão de ter dito algo com isso, mas simplesmente porque não podemos permanecer em silêncio.”[1] Certamente não se trata de falta de respeito quando dizemos: não são as igrejas que formam o poder do cristianismo, mas sim que este é constituído única e exclusivamente por aquela fonte da qual as próprias igrejas tomam sua força: a visão do Filho do Homem crucificado.

Separemos, pois, a imagem de Cristo sobre a terra de todo cristianismo histórico.

O que são, portanto — tenha-se em mente — nossos 19 séculos para a incorporação de tal vivência, para a transformação que penetra os passos da humanidade por meio de uma cosmovisão nova desde a base! Pensa-se

1 Israel Joseph Benjamín II. “Oito Anos na Ásia e África de 1846 a 1855”43. Edição Hanover 1861. Páginas de 230 a 256.

que se levaram mais de dois milênios antes que a estrutura matematicamente provável do cosmos, que pode ser imaginada pelos sentidos, se tornasse uma propriedade firme e geral do saber humano! Não é verdade que o intelecto, com seus olhos e seu infalível breviário de 2 × 2 = 4, é mais fácil de modelar do que o coração cego, eternamente seduzido pelo egoísmo? Agora nasce um homem e vive uma vida pela qual o critério da importância ética do ser humano, a "cosmovisão moral" em sua totalidade, sofre uma modificação completa, com a qual, ao mesmo tempo, a relação do indivíduo consigo mesmo e sua relação com a natureza circundante devem receber um enfoque antes insuspeitado, de tal modo que todos os motivos de ações e ideais, todas as aspirações do coração e toda esperança devem agora ser transformados e reconstruídos desde o fundamento! E se pensa que isso possa ser obra de alguns séculos? Pensa-se que isso possa ser produzido por mal-entendidos e mentiras, por intrigas políticas e concílios ecumênicos, pelo mandato de reis loucamente ambiciosos e frades gananciosos, por três mil tomos de demonstração escolástica, pelo fanatismo religioso de almas camponesas obtusas e pelo nobre zelo de alguns poucos mais "excelentes", por guerra, assassinato e fogueira, por códigos burgueses e intolerância social? Quanto a mim, não acredito nisso. Creio, antes, que ainda estamos longe, muito longe do momento em que o poder reformador da imagem de Cristo se fará sentir em toda a sua dimensão sobre a humanidade civilizada. Mesmo que nossas igrejas, em sua forma atual, fossem aniquiladas, a ideia cristã ressurgiria apenas com ainda mais potência. No capítulo 9 mostrarei como essa visão germânica do mundo é impulsionada nessa direção.

O cristianismo ainda caminha sobre pés de criança, mal nosso olhar torpe vislumbra sua idade adulta. Quem sabe se não chegará o dia em que a sangrenta história eclesiástica dos primeiros 18 séculos cristãos será considerada como a história das nefastas doenças da infância do cristianismo?

Não nos deixemos, portanto, turvar o julgamento ao considerar a imagem de Cristo por nenhum tipo de simulacro histórico, nem pelas opiniões transitórias do século XIX. Estamos convencidos de que,

precisamente dessa única herança, apenas nos apropriamos da mínima parte; e, se quisermos saber o que ela significou para todos nós — tanto para cristãos ou judeus, crentes ou não crentes, indiferente se temos consciência disso ou não — então, por ora, tapemos os ouvidos contra o caos dos dogmas religiosos e as blasfêmias infames da humanidade, e levantemos, por enquanto, o olhar para a imagem mais incomparável de todos os tempos.

Neste capítulo não poderei deixar de examinar criticamente muito do que forma a “base racional” de distintas religiões. Mas, assim como deixo intacto aquilo que eu mesmo guardo como santuário no coração, espero também não ferir nenhuma outra pessoa sensata. A imagem histórica de Jesus Cristo pode ser separada de toda significação sobrenatural que lhe é inerente, assim como se pode e deve praticar física sobre base puramente material, sem, por isso, ter derrubado a metafísica de seu trono. De Cristo, por certo, dificilmente se pode falar sem tocar, de tempos em tempos, o terreno do além; mas a fé, como tal, não precisa ser afetada, e quando procedo como historiador, de forma lógica e convincente, aceito com prazer as distintas refutações que o leitor extrai não de seu intelecto, mas de sua alma. Consciente disso, falarei com a mesma franqueza neste capítulo que nos precedentes.

I. OS GALILEUS

No interesse de análises futuras, impõe-se considerar a imagem de Cristo não apenas em sua pureza desvinculada de tudo o que a circunda, mas também em sua relação com esse meio ambiente. Muitos fenômenos importantes do passado e do presente são, de outra forma, incompreensíveis. De modo algum é indiferente se, por meio de uma análise aguda, adquirimos conceitos precisos sobre o que nessa figura é judaico e o que não é. A esse respeito, desde os primórdios da era cristã até os dias de hoje, e desde os níveis mais baixos do mundo intelectual até seus cumes mais altos, prevalece uma confusão desesperadora. Não apenas uma figura tão excelsa era fácil de captar e apreciar em seu tempo, mas tudo convergia para apagar e adulterar seus verdadeiros traços: idiossincrasia religiosa judaica, misticismo sírio, ascetismo egípcio, metafísica helênica, e ainda, rapidamente, tradições estatais e pontifícias romanas, somadas à superstição dos bárbaros; não houve mal-entendido nem incompreensão que não tenham participado dessa obra. No século XIX, por certo, muitos se dedicaram a desvendar essa questão, mas, que eu saiba, nenhum conseguiu extrair da massa de fatos os poucos pontos principais e apresentá-los aos olhos de todos. É que contra o preconceito e a prevenção não protege nem mesmo a honesta erudição. Queremos tentar aqui, embora infelizmente sem conhecimentos especializados, mas também sem preconceito, investigar em que medida Cristo pertencia ao seu entorno e se valia de seus conceitos, em que se diferenciava e se elevava incomensuravelmente acima dele; só dessa maneira é possível extrair a personalidade em toda a sua dignidade autônoma, além de todas as contingências.

Perguntemo-nos, portanto, por ora: Cristo era judeu quanto à pertença à linhagem étnica (Stammesangehörigkeit)?

Esta pergunta parece, à primeira vista, um pouco mesquinha. Mas, de fato, a imagem elimina as peculiaridades das raças. Um Isaías, sim! Por mais que se destaque diante de seus contemporâneos, continua sendo totalmente judeu; nem uma palavra que não brote da história e do espírito

de seu povo; também ali onde despiedosamente se expõe e se condena o caracteristicamente judeu, isso se confirma — precisamente nisso — como judeu: em Cristo não há vestígio disso.

Oh, novamente um Homero! Este desperta, o primeiro, o povo helênico para a consciência de si mesmo; para poder fazê-lo, teve de abrigar em seu próprio peito a quintessência de todo o helenismo. Onde, porém, estaria o povo que despertado por Cristo à vida teria ganhado por isso o precioso direito — e mesmo que vivesse nas antípodas — de considerar Cristo como seu? De qualquer forma, não em Judéia! Para o crente, Jesus é o Filho de Deus, e não um ser humano; para o não crente será difícil encontrar uma fórmula que designe o fato à vista dessa personalidade incomparável em sua inexplicabilidade, de maneira tão breve e expressiva. Existem manifestações que não podem ser incorporadas ao complexo de representações do intelecto sem um símbolo. Isso quanto à questão principal e para afastar de toda suspeita de que se possa navegar à mercê do reboque daquela escola "histórica" chata que se propõe a explicar o inexplicável. É coisa distinta instruir-se sobre o meio histórico da personalidade, apenas para ver isso com maior clareza. Se fizermos isso, então a resposta à pergunta: Cristo foi um judeu? de nenhuma maneira é simples. Segundo a religião e a educação, isso foi para ele sem dúvida; *segundo a raça — no sentido mais limitado e próprio da palavra "judeu" — com a maior probabilidade, não.*

O nome Galileia (de *Gelil haggoyim*) significa Comarca dos Pagãos. Parece que essa parte do território, tão afastada do centro espiritual, jamais se manteve tão pura, nem mesmo nos tempos antigos em que Israel ainda era forte e unido e em que servia às tribos de Naftali e Zebulom como pátria. Da tribo de Naftali se relata que originalmente era "de procedência muito misturada", e embora a população primitiva não israelita tenha permanecido em todo o âmbito da Palestina, isso "não ocorreu em nenhuma parte em massas tão grandes como nas marcas do norte".[2] A isso se acrescentava outra circunstância. Enquanto o restante da Palestina, por sua situação geográfica, está de certo modo separado do mundo, já quando

2 Wellhausen: *Israelitische und jüdische Geschichte, (História Israelita e judaica)* 3ª ed. 1897, pág. 16 e 74. Confronte além disso Juízes I, 30 e 33 e aqui abaixo, cap. 5.

os israelitas ocuparam o país existia uma via de comunicação do lago de Genesaré a Damasco, e Tiro e Sidom podiam ser alcançadas mais rapidamente a partir dali do que Jerusalém. E assim vemos Gelâmã acabar de chegar. E assim vemos Salomão ceder uma parte considerável dessa Comarca dos Pagãos (*como já então era chamada, /Reis IX, 11*), com vinte cidades, ao rei de Tiro, em pagamento por seus fornecimentos de cedro e abeto e pelos 120 quintais de ouro que este havia entregue para a construção do templo; tão pouco valioso era para o rei da Judeia esse país meio povoado por estrangeiros. O rei tiriano Hirão deve tê-la encontrado, em geral, pouco povoada, já que aproveitou a ocasião para estabelecer na Galileia diversos povos estrangeiros.[3] Depois veio, como é sabido, a separação em dois reinos, e desde essa época, isto é, *desde mil anos antes de Cristo* (!), produziu-se apenas de modo transitório, de tempos em tempos, uma ligação política mais estreita entre a Galileia e a Judeia, e somente esta — e não uma comunhão da fé religiosa — promove uma fusão dos povos. Também nos tempos de Cristo a Galileia estava totalmente separada da Judeia do ponto de vista político, de tal modo que se encontrava em relação a esta “na situação de um país estrangeiro”.[4]

Mas, entretanto, havia ocorrido algo que deve ter eliminado quase por completo o caráter israelita dessa região setentrional: em 720 antes de Cristo (ou seja, cerca de um século e meio antes do cativeiro babilônico dos judeus), o reino do norte de Israel foi devastado pelos assírios, e sua população — presumivelmente em sua totalidade, ou ao menos em grande parte — deportada; e isso para diferentes e distantes comarcas do império, nas quais, em pouco tempo, se fundiu com os habitantes e, em consequência, desapareceu por completo.[5] Ao mesmo tempo, tribos

3 Graetz: Volksstämmliche Geschichte der Juden, (História Popular dos Judeus), 188.

4 Graetz: 1.c.,/567. A Galileia e a Pereia, juntas, tinham uma tetrarquia própria, que governava independentemente, enquanto a Judeia, a Samaria e a Idumeia estavam sob um procurador romano. Graetz acrescenta neste lugar: "Pela animosidade dos samaritanos, cujo país formava uma cunha entre a Judeia e a Galileia, a comunicação entre as duas porções de território separadas estava ainda mais travada." — Além disso, não se deve identificar os genuínos "Israelitas" do norte com os "judeus" propriamente ditos do sul, o que não mencionei aqui por razões de simplicidade; confronte, porém, o cap. 5.

5 Desapareceu tão completamente que alguns teólogos, que dispunham de suficientes horas de ócio para se debaterem também no século dezenove sobre o que poderia ter sido dos israelitas, já que não podiam admitir que cinco sextos de um povo a quem Iavé havia prometido toda a Terra tivessem simplesmente desaparecido. Uma cabeça engenhosa chegou até à conclusão de que as dez tribos que se acreditavam perdidas eram os atuais ingleses! Também não se achou em apuros quanto à moral deste descobrimento: por isso aos britânicos pertencem por direito cinco sextos de toda a superfície terrestre; o restante sexto aos judeus. Confronte H.L.: Lost Israel, where are they to be found? (Os Israelitas perdidos, onde se os encontrará?) (Edinburgh, 6ª. ed., 1877). Neste folheto se menciona outra obra,

estrangeiras, provenientes de regiões afastadas, foram transferidas para se estabelecerem na Palestina. Os eruditos suspeitam, contudo (sem poder dar garantias a esse respeito), que uma fração considerável da população anterior, mestiçada com sangue israelita, tenha permanecido no país; mas, de todo modo, ela não se manteve separada dos estrangeiros, e sim se diluiu entre eles.[6] O destino dessas regiões foi, por conseguinte, muito diferente do da Judeia. Pois, quando mais tarde também os judeus foram levados, seu país ficou, por assim dizer, vazio, habitado apenas por poucos camponeses autóctones, de tal modo que, no retorno do cativeiro da Babilônia — no qual, além disso, haviam conservado a pureza de sua raça —, os judeus puderam, sem dificuldade, continuar mantendo essa pureza. A Galileia, ao contrário, e os países adjacentes haviam sido, como já foi dito, colonizados de modo sistemático pelos assírios e, como se depreende dos relatos bíblicos, aparentemente por grupos provenientes de regiões muito diversas do enorme império, entre outras do norte montanhoso da Síria. Nos séculos que precederam o nascimento de Cristo imigraram, além disso, muitos fenícios e também numerosos gregos.[7] À luz desses últimos fatos, deve-se presumir também que sangue ariano puro tenha sido transplantado para ali; mas é certo que ocorreu uma grande mistura das mais diversas raças, e que os estrangeiros se estabeleceram em maior número na Galileia, mais acessível e também mais fértil. O próprio Antigo Testamento narra com cativante ingenuidade como esses estrangeiros passaram originalmente a conhecer o culto de Yahweh (II Reis XVII, 24 e segs.): no país despovoado multiplicaram-se as feras; tomou-se essa praga como uma vingança do “deus local” negligenciado (versículo 26); mas não havia ninguém que soubesse como ele queria ser venerado; e assim os colonos enviaram mensageiros ao rei da Assíria e solicitaram um sacerdote israelita do cativeiro, e este veio e “lhes ensinou o culto do deus local”. Dessa forma, os habitantes da Palestina setentrional, a partir de Samaria,

---

Wilson: Our Israelite Origin, (Nossa Origem israelita). Até hoje, segundo estas autoridades, honestos anglo-saxões que remeteram sua genealogia até Moisés!

6 Até que considerável medida o "caráter distintivo da nação israelita estava perdido", relata Robertson Smith: *The prophets of Israel*, (Os Profetas de Israel), (1895), pág. 153. 7 Albert Réville: *Jésus de Nazareth* I, 416. Não se esqueça também que Alexandre o Grande havia povoado depois da sublevação do ano 331 a próxima Samaria com macedônios.

7 Albert Réville: *Jésus de Nazareth* I, 416. Não se esqueça também que Alexandre o Grande havia povoado depois da sublevação do ano 331 a próxima Samaria com macedônios.

tornaram-se judeus quanto à fé, inclusive aqueles entre eles que não tinham sequer uma gota de sangue israelita nas veias. Em épocas posteriores, é bem possível que alguns judeus genuínos tenham se estabelecido ali; mas provavelmente apenas como estrangeiros nas cidades maiores, já que uma das qualidades mais dignas de admiração dos judeus — especialmente a partir de seu retorno do cativeiro, quando também surge pela primeira vez o conceito nitidamente delimitado de "judeu" como designação de uma religião (cf. Zacarias VIII, 23) — foi sua preocupação em manter a pureza da raça; u*m matrimônio entre judeu e galileu era inconcebível*. *No entanto, também esses núcleos judeus em meio à população estrangeira foram completamente eliminados da Galileia não muito tempo antes do nascimento de Cristo!* Simão Tarsí, um dos macabeus, foi quem, após uma campanha bem-sucedida na Galileia contra os sírios, "reuniu os judeus que ali viviam e determinou que emigrassem e se estabelecessem todos, sem exceção, na Judeia".[8] E o preconceito contra a Galileia permaneceu tão grande entre os judeus que, quando Herodes Antipas havia construído, durante a juventude de Cristo, a cidade de Tiberíades e quis induzir os judeus a se estabelecerem ali, *não o conseguiu nem por meio de promessas nem pela força.*[9] *Não existe, portanto, como se vê, o menor motivo para admitir que os pais de Jesus Cristo tenham sido, quanto à raça, judeus*.

No ulterior curso da evolução histórica ocorreu algo para o qual se poderia apontar mais de uma analogia na história: entre os habitantes da Samaria, situada mais ao sul e imediatamente contígua à Judeia, que sem dúvida, pelo sangue e pelas trocas, estavam muito mais próximos dos judeus propriamente ditos do que os galileus, conservou-se a tradição da repugnância e da inveja não israelita contra os judeus; os samaritanos não reconheciam a supremacia eclesiástica de Jerusalém e, por isso, eram tão odiosos aos judeus como "hereges", que não era permitido qualquer contato com eles: nem mesmo um pedaço de pão podia o ortodoxo receber de suas mãos, pois isso era considerado como se tivesse comido carne de porco.[10] Os galileus, ao contrário, que para os judeus eram diretamente

8 Graetz Lc. I, 400. Veja também *Macabeus* V, 23.
9 Graetz Lc. I, 568. (Comp. Josefo, Livro XVIII, cap. 3.
10 Da Mishná citado por Renan: *Vie de Jésus*, *Vida de Jesus*, 23ª. edic. pág. 242.

“estrangeiros” e, como tais, desprezados e mantidos excluídos de certas cerimônias religiosas, eram, no entanto, “judeus” estritamente ortodoxos e, com frequência, até fanáticos. Querer ver nisso uma prova de sua origem é insensato. É exatamente o mesmo que se quiséssemos identificar etnologicamente a população eslava genuína da Bósnia ou os mais puros indo-arianos do Afeganistão com os “turcos”, apenas porque são muçulmanos ortodoxos, muito mais devotos e muito mais fanáticos do que os autênticos otomanos. *A expressão judeu designa uma raça humana determinada*, mantida de modo surpreendentemente puro, e apenas em segundo lugar e de forma imprópria aqueles que professam uma religião. Tampouco se pode, de maneira alguma, equiparar o conceito “judeu”, como ultimamente tem ocorrido com frequência, ao conceito “semita”; o caráter nacional dos árabes, por exemplo, é absolutamente distinto do dos judeus. A isso retornarei no capítulo quinto; por ora, chamo a atenção para o fato de que também o caráter nacional dos galileus contrastava essencialmente com o dos judeus. Consulte-se qualquer história dos judeus — a de Ewald, de Graetz ou de Renan —, em todas se encontrará que os galileus se distinguiam, por seu caráter, dos demais habitantes da Palestina; eles são qualificados como homens coléricos, idealistas enérgicos, homens de ação. Nos longos distúrbios com Roma, antes e depois da época de Cristo, os galileus são, em geral, o elemento propulsor, aqueles que apenas a morte conseguia vencer. Enquanto as grandes colônias de judeus genuínos mantinham excelentes relações, em Roma e em Alexandria, com o império pagão, onde levavam vida confortável como intérpretes de sonhos[11], propagandistas, mercadores ambulantes, agiotas, atores, conselheiros jurídicos, comerciantes, eruditos etc., na distante Galileia, ainda na época de César, Ezequiel, o Galileu, ousou erguer a bandeira da rebelião religiosa. A ele se seguiu o célebre Judas, o Galileu, com o lema: “Só Deus é Senhor, a morte é indiferente, a liberdade é tudo!”[12] Depois formou-se na Galileia o partido dos Sicários (isto é, punhalheiros), não muito diferentes dos atuais *thugs* indianos; seu chefe mais importante, o galileu Menáhem, aniquilou, nos tempos de Nero, a guarnição romana de Jerusalém e, em retribuição, sob o pretexto de que teria querido fazer-se

11 Juvenal conta: *Aere minuto Qualiacunque voles Judaei somnia vendunt...*

12 Mommsen: *Römische Geschichte, (História romana) V, 515.*

passar pelo Messias, foi executado pelos próprios judeus; também os filhos de Judas foram pregados na cruz como agitadores perigosos para o Estado (e isso por um procurador judeu); João de Giscala, uma cidade na extrema fronteira norte da Galileia, dirigiu a desesperada defesa de Jerusalém contra Tito, e a série de heróis galileus foi encerrada por Eleazar, que, durante anos após a destruição de Jerusalém, manteve-se entrincheirado com uma pequena tropa nas montanhas, onde, quando a última esperança se havia perdido, mataram primeiro suas mulheres e filhos e depois mataram a si mesmos.[13] Nessas coisas manifesta-se, evidentemente, um caráter nacional especial, diferente. Com frequência também se relata que as mulheres da Galileia possuíam uma beleza que lhes era peculiar; os cristãos dos primeiros séculos falam ainda de sua grande bondade e de sua amabilidade no trato com adeptos de outras religiões, em contraste com o soberbo desprezo de que eram objeto por parte das judias genuínas. Esse caráter nacional tinha, porém, outra particularidade precisa: a língua. Na Judeia e nos países limítrofes falava-se, nos tempos de Cristo, o aramaico; o hebraico já era uma língua morta, que sobrevivia apenas nas Escrituras sagradas. Ora, conta-se que os galileus falavam um dialeto do aramaico tão peculiar e estranho que eram reconhecidos à primeira palavra; "*tua linguagem te denuncia*", dizem os servos do sumo sacerdote a Pedro.[14] Dizia-se que de modo algum eram capazes de aprender o hebraico; em especial, seus sons guturais constituíam para eles um obstáculo insuperável, de tal modo que, por exemplo, os galileus não podiam ser admitidos para recitar as orações, porque "*sua pronúncia descuidada provocava riso*".[15] Esse fato prova uma diferença física na conformação da laringe e, por si só, já faria supor que se tivesse produzido uma forte incorporação de sangue não semita; pois *a riqueza de sons guturais e a habilidade em utilizá-los é um traço comum a todos os semitas*.[16]

13 Também ainda mais tarde, os habitantes da Galileia formavam uma raça especial, distinguida por seu vigor e sua valentia, como o demonstra sua participação em uma campanha sob o persa Sharbarza e na tomada de Jerusalém, no ano 614.

14 Poder-se-ia, por certo, reunir dos Evangelhos suficientes testemunhos sobre a diferença entre os galileus e os judeus propriamente ditos. Em particular, em João se fala reiteradamente de "os judeus" como de algo estrangeiro, e os judeus por sua parte declaram: "*da Galileia não sai nenhum profeta*" (*Jo. VII, 52*).

15 Comp. p. ex. a Graetz 1.c., I, 575. Sobre a peculiaridade da língua dos galileus e a incapacidade dos mesmos para pronunciar corretamente os sons guturais semitas: comp. especialmente a Renan: Langues sémitiques, (Línguas semíticas), 5ª ed. pág. 230.

16 Veja p. ex., o quadro comparativo em Max Müller: Science of Language, (Ciência da Linguagem), 9ª ed., p. 169 e em cada um dos tomos dos Sacred Books of the East, (Livros Sagrados do Oriente). A língua sânscrita conhece

E dessa questão — foi Cristo judeu segundo a raça? — julguei ter de ocupar-me com certa amplitude, porque em nenhuma obra encontrei reunidos com clareza os fatos a ela concernentes. Até mesmo numa obra objetivamente científica, não influenciada por nenhuma espécie de intenções teológicas, como a de Albert Réville[17], o conhecido professor de história comparada das religiões do Collège de France, a palavra judeu é empregada ora para a raça judaica, ora para a religião judaica. Lemos, por exemplo (I, 416): "A Galileia estava habitada em sua maior parte por judeus, mas havia também pagãos sírios, fenícios e gregos." Aqui, portanto, judeu significa aquele que venera o deus local da Judeia, independentemente da origem racial. Na página seguinte, porém, fala-se de uma "raça ariana", em contraste com uma "nação judaica"; aqui, portanto, judeu designa um tronco humano determinado, estreitamente delimitado, mantido puro durante séculos. E, em seguida, faz-se a profunda observação: "A questão de saber se Cristo é de origem ariana é ociosa. Um homem pertence à nação em cujo meio se criou." Isso se chamava "ciência" no ano do Senhor de 1896! Nos estertores do século XIX, um erudito ainda não deveria saber que a forma da cabeça e a estrutura do cérebro exercem uma influência absolutamente decisiva sobre a forma e a estrutura dos pensamentos, de tal modo que a influência do meio, por grande que seja a importância que se lhe atribua, está, no entanto, limitada por esse dado inicial das disposições físicas a determinadas capacidades e possibilidades, em outras palavras, que determinados caminhos estão traçados; não devia saber que precisamente a forma do crânio pertence àqueles caracteres que são transmitidos por herança, de modo que, por meio de medições craniológicas, distinguem-se as raças e, mesmo após séculos de mestiçagem, os componentes primitivos que se manifestam atavicamente são revelados ao investigado, podia acreditar que a assim chamada alma tem sua sede fora do corpo, que ela conduz pelo nariz como

apenas seis autênticos guturais, a hebraica, dez; é principalmente notável a diferença no som gutural alto, o *h*, para o qual as línguas indo-germânicas desde sempre conheceram apenas um único som, as semíticas, em contrapartida, cinco distintos. Por sua vez, encontram-se no sânscrito sete distintos sons linguais e no hebreu apenas dois. Quão imensamente difícil resulta apagar completamente tais sinais linguísticos herdados, todos os conceituam perfeitamente pelo exemplo dos judeus que vivem entre nós; o domínio correto de nossos sons linguais lhes resulta tão impossível como a nós a maestria para emitir sons guturais.

17 *Jésus de Nazareth, études critiques sur les antécédents de l'histoire évangélique et la vie de Jésus*, (Jesus de Nazaré, estudos críticos sobre os antecedentes da história evangélica e a vida de Jesus), 2 vol. 1897.

um boneco! Ó Idade Média! quando se afastará de nós a tua noite? Quando compreenderão os homens que a forma não é um acidente sem importância, mas uma expressão do ser mais íntimo? Que justamente aqui, neste ponto, os dois mundos do interior e do exterior, do visível e do invisível, se tocam? Denominei a personalidade humana o *mysterium magnum* da existência; pois bem: em sua imagem visível, esse milagre insondável apresenta-se à vista e ao intelecto que investiga. E da mesma maneira que as possíveis formas de um edifício são determinadas e limitadas pela natureza do material de construção em aspectos essenciais, assim também a forma possível de um ser humano, a interior e a exterior, é determinada, em aspectos substanciais, pelos elementos construtivos herdados de que se compõe essa nova personalidade. Certamente pode acontecer que se atribua um significado abusivo ao conceito de raça: com isso se diminui a autonomia da personalidade e corre-se o perigo de subestimar o grande poder das ideias; além disso, a questão racial é infinitamente mais complicada do que imagina o leigo, pertence inteiramente ao campo da antropologia e não pode ser solucionada por sentenças de linguistas e historiadores. Mas, apesar disso, não pode ser que a raça seja simplesmente deixada de lado como *quantité négligeable*; menos ainda que se afirme algo diretamente a respeito da raça e se permita que semelhante mentira histórica chegue a cristalizar-se como um dogma incontrovertível. *Quem sustenta a afirmação de que Cristo foi um judeu é ou ignorante ou falta à verdade: ignorante, se faz uma mistura confusa de religião e raça; falta à verdade, se conhece a história da Galileia e, em parte, se cala, em parte desfigura os fatos extremamente complexos em favor de seus preconceitos religiosos ou até para mostrar-se complacente com o poderoso judaísmo.*[18] *A probabilidade de que Cristo não foi um judeu, de que não tinha uma gota de sangue genuinamente judeu nas veias, é tão grande que quase equivale a uma certeza.* A que raça

18 Como se pode explicar, p. ex., que Renan, que em sua *Vie de Jésus* aparecido em 1863 diz ser impossível ainda fazer suposições quanto à raça à qual Cristo pertenceu por seu sangue (veja cap. II), no quinto tomo terminado em 1891 de sua *Histoire du Peuple d'Israël* sustenta a categórica afirmação: *Jésus était un Juif*, e ataca com injusta violência a gente que ousa pôr isto em dúvida? *Não será que a Alliance Israélite, com quem Renan em seus últimos anos de vida se achou em tão vivas relações, teve também uma palavra a dizer nisto*? No século dezenove escutamos tantas coisas belas sobre a liberdade da palavra, a liberdade da ciência, etc.; mas em verdade estivemos muito pior avassalados que no século 18; porque aos anteriores detentores do poder, juntaram-se novos e piores. A coação anterior podia, com toda sua amarga injustiça, fortalecer o caráter; a nova, que parte apenas do dinheiro e só tem em vista o dinheiro, humilha à mais baixa escravidão.

pertencia? A isso não se pode dar nenhuma resposta. Como o país estava situado entre a Fenícia e a Síria, impregnado em sua porção sudoeste de sangue semita, além disso talvez não estivesse inteiramente livre de sua população anterior, miscigenada com israelitas (mas nunca com judeus), a probabilidade de uma árvore genealógica predominantemente semita é grande. Porém, quem lançou ao menos um rápido olhar sobre a Babel de raças do reino assírio[19] e depois toma conhecimento de que, das mais diversas partes desse reino, foram transferidos colonos para aquele antigo lar de Israel, não terá uma resposta pronta. É bem possível que em alguns desses grupos de colonos existisse uma tradição de casar entre si, de modo que então um ramo étnico teria permanecido puro; mas que isso tenha sido mantido por mais de meio milênio é quase inacreditável, pois justamente pela passagem ao culto judaico as diferenças étnicas iam sendo apagadas paulatinamente, diferenças que no início (II Reis, XVII, 29) haviam sido preservadas por costumes religiosos pátrios. Em épocas posteriores imigraram ainda, como ouvimos, gregos; de todo modo pertenciam às classes mais pobres e, naturalmente, adotaram de imediato o “deus local”! Apenas uma afirmação, portanto, pode ser estabelecida sobre um fundamento histórico sólido: em toda aquela parte do mundo havia uma única raça pura, uma raça que, por meio de prescrições rigorosas, se protegia de toda mistura com outros povos, a judaica; que Jesus Cristo não pertencia a ela pode ser considerado seguro. Toda afirmação ulterior é hipotética.

Este resultado, embora puramente negativo, é de grande valor; significa uma contribuição importante para o conhecimento exato da imagem de Cristo e, com isso, também para a compreensão de sua influência até o dia de hoje e para o desenredar do novelo terrivelmente emaranhado de conceitos contraditórios e ideias errôneas que se formou em torno da verdade simples e transparente. Mas agora devemos ir mais fundo. A pertença exterior é menos importante do que a interior; é somente agora que chegamos à questão decisiva: até que ponto Cristo pertence, como manifestação (*Erscheinung*), ao judaísmo, e até que ponto não? Para

19 Comp. Hugo Winckler: *Die Völker Vorderasiens, (Os povos da Ásia Anterior)*, 1900. 21

esclarecer isso, de uma vez por todas, teremos de realizar uma série de distinções importantes, para as quais peço ao leitor a mais plena atenção.

II. RELIGIÃO

Em geral — e talvez até sem exceção — a situação é apresentada como se Cristo fosse aquele que levou o judaísmo à sua culminação, isto é, as ideias religiosas dos judeus.[20] Até mesmo os judeus ortodoxos, embora não possam venerar nele tal caráter suposto, veem-no, apesar disso, como um ramo lateral de sua árvore e contemplam com orgulho todo o cristianismo como um apêndice do judaísmo. Isso é um erro do qual estou profundamente convencido; é uma ideia fixa, daquelas opiniões que assimilamos com o leite materno, da qual tanto o livre-pensador quanto o ortodoxo ligado à Igreja estão impregnados. Certamente, Cristo estava em relação imediata com o judaísmo, e a influência do judaísmo, num primeiro momento, sobre a formação de sua personalidade, e em medida ainda muito maior sobre a origem e a história do cristianismo, é tão grande, precisa e essencial que toda tentativa de negá-la conduziria a absurdos; mas essa influência é apenas em mínima parte uma influência religiosa. Aí está o núcleo do erro.

Estamos habituados a considerar o povo judeu como o povo religioso *par excellence*; na verdade, é um povo (em comparação com as raças indo-europeias) absolutamente atrofiado no plano religioso. Nesse sentido, produziu-se nos judeus o que Darwin chama de *arrest of development* (“detenção do desenvolvimento”), uma atrofia das disposições. De resto, todos os ramos do tronco semita, em muitos aspectos ricamente dotados, desde sempre foram notavelmente pobres em instinto religioso; é aquela “dureza de coração” da qual se queixam constantemente os homens mais destacados dentre eles.[21] Quão diferente é o ariano! Já de acordo com o testemunho dos documentos mais antigos (que são muito anteriores a todos os judeus), vemo-lo ocupado, seguindo um obscuro impulso que o impele a perscrutar o próprio coração. Este ser humano é alegre, embriagado de vida, ambicioso, despreocupado; bebe e joga, caça e rouba; de repente,

20 Uma honrosa exceção a faz o grande jurista Jhering, que em sua *Vorgeschichte der Indoeuropäer*, (Pré-história dos Indo-europeus), p. 300, escreve: "Da terra de seu povo não brotou a doutrina de Cristo, o cristianismo significa, ao contrário, uma superação do judaísmo, já desde sua primeira origem há algo do ariano nele."

21 "Os semitas têm muita superstição, mas pouca religião", atesta uma das máximas autoridades, Robertson Smith: *The Prophets of Israel*, (Os Profetas de Israel), p. 33.

porém, é chamado à reflexão: o grande mistério da existência o cativa por completo — mas não como um problema puramente racionalista — "de onde vem este mundo? de onde venho eu?" — ao qual se deveria dar uma resposta meramente lógica (e por isso insuficiente), e sim como uma necessidade vital imediata, imperiosa. *Não compreender, mas ser: é a isso que se sente impelido*. Não o passado, com sua ladainha de causa e efeito, mas o presente, o presente de duração eterna, cativa sua reflexão maravilhada. E somente — isso ele sente — se tiver lançado pontes para tudo o que o cerca, se reconhecer a si mesmo — o único que conhece diretamente — em todo fenômeno, reencontrando, por sua vez, todo fenômeno em si mesmo; somente se, por assim dizer, tiver posto em consonância a si próprio e o mundo, então poderá ter a esperança de ouvir com os próprios ouvidos o movimento da obra eterna, de perceber no coração a misteriosa música da existência. E, para encontrar essa música, ele necessita de um esforço extraordinário. E, para encontrar essa harmonia, ele próprio canta para fora, experimenta em todos os tons, exercita-se em todas as melodias; e depois escuta com recolhimento. Seu chamado não fica sem resposta; ele ouve vozes misteriosas; toda a natureza se vivifica, por toda parte nela se move aquilo que é afim ao ser humano. Em adoração, cai de joelhos, e não imagina que seja sábio, não crê conhecer a origem nem o fim último do mundo, mas pressente um destino mais elevado, descobre em si o germe de fados incomensuráveis, "a semente da imortalidade". Isso não é um mero devaneio, mas uma convicção viva, uma fé, e, como tudo o que é vivo, volta a gerar vida. Os heróis de seu tronco e seus homens santos ele os vê como "super-homens" (como diz Goethe), suspensos no alto sobre a terra; a eles quer assemelhar-se, porque também a ele o atrai a altura, e agora sabe de que fonte interior profunda extraem a força para serem grandes. Esse olhar lançado às profundezas inexplicáveis do próprio ser, esse anseio para o alto: isto é religião. Religião, antes de tudo, não tem nada a ver nem com a superstição nem com a moral: é um estado da alma. E, porque o ser humano religioso está em contato direto com um mundo além da razão, ele é poeta e pensador: age conscientemente como criador; trabalha sem cessar na nobre obra de Sísifo de dar forma visível ao invisível, concebível ao

inconcebível;[22] nunca encontramos nele uma cosmogonia e teogonia acabadas, cronológicas, pois para isso herdou um sentimento demasiado vivo do infinito; seus conceitos permanecem fluentes, jamais se tornam rígidos; os antigos são substituídos por novos; deuses altamente venerados em um século, no seguinte mal são conhecidos pelo nome. E, no entanto, as grandes percepções (*Erkenntnisse*) constituem uma aquisição sólida e jamais se perdem, sobretudo a fundamental, que milênios antes de Cristo o *Rigveda* procurou expressar da seguinte maneira: "O enraizamento do existente os sábios encontraram no coração" ("*Wie Wurzeln des Seienden fanden die Weisen im Herzen*") — uma convicção que, no século XIX, encontrou pela boca de Goethe uma expressão quase idêntica:

Ist nicht der Kern der Natur *Menschen im Herzen?*	Não está o núcleo da natureza no coração do ser humano?

"Isto é religião! — Precisamente essa disposição, esse estado de espírito, esse instinto de buscar o núcleo da natureza no coração, falta aos judeus em grau notável. São racionalistas natos. A razão é neles forte, a vontade enormemente desenvolvida; em contrapartida, sua força de imaginação e de criação plástica é curiosamente limitada. Suas poucas ideias mítico-religiosas, e até mesmo seus mandamentos e costumes, bem como seus preceitos de culto, foram tomados sem exceção de povos estrangeiros, reduzidos a um mínimo[23] e conservados rigidamente inalterados; o elemento criador, a verdadeira vida interior, falta aqui quase por completo; no melhor dos casos, encontra-se, no que diz respeito à vida religiosa, tão imensamente rica do ariano (que abrange tudo o que há de mais elevado no pensamento e na poesia desses povos), na mesma proporção que os sons guturais mencionados antes, isto é, como 2 para 7."

"Veja-se, pois, que florescimento exuberante das mais esplêndidas concepções e ideias — e, além disso, que arte e que filosofia — graças aos

22 Diz Bellermante: "O ser humano só está em contradição consigo mesmo porque a cultura mais desenvolvida entre todas as suas organizações é ao mesmo tempo a menos desenvolvida em sua própria nova disposição. Representa por isso dois mundos simultaneamente, e isto forma a aparente dualidade de seu modo de ser. (Ideias para a História da Humanidade)."

23 Maiores detalhes no capítulo 5.

gregos e germânicos, brotou com vigoroso ímpeto sobre o solo do cristianismo; e faça-se depois a pergunta: com que imagens e pensamentos o povo supostamente religioso dos judeus enriqueceu, entretanto, a humanidade! A ‘ética geométrica’ de Spinoza (uma aplicação equivocada, *tote boren*, de um pensamento genial e criativamente produtor de Descartes) parece-me, na verdade, a ironização mais sangrenta da moral do Talmud e, de todo modo, tem ainda menos em comum com a religião do que os Dez Mandamentos de Moisés, presumivelmente tomados dos egípcios[24]. Não, a força do judaísmo que impõe respeito está em um campo inteiramente distinto: a isso me referirei de imediato.

Mas como foi possível, então, obscurecer de tal maneira a nossa capacidade de juízo, a ponto de podermos considerar os judeus como um povo religioso?”

“Antes de tudo, foram os próprios judeus que, desde sempre, afirmaram com a máxima veemência e volubilidade que eram ‘o povo de Deus’; até mesmo um judeu liberal como o filósofo Filon faz a ousada afirmação de que somente os israelitas são ‘*seres humanos no verdadeiro sentido*’.[25] Os bons e ingênuos indogermanos acreditaram nisso. Mas quão difícil lhes foi fazê-lo, prova-o o curso da história e as palavras de todos os seus homens proeminentes. *Essa credulidade só foi possível por meio dos exegetas cristãos, que reconstruíram toda a história de Judá numa teodiceia, na qual a crucificação de Cristo significa o ponto final. Até Schiller (Die Sendung Moses, A Missão de Moisés) insinua:*” a Providência havia quebrado a nação judaica assim que ela cumprira aquilo que lhe cabia! A esse respeito, os eruditos passaram por alto o fato decisivo de que o *judaísmo não deu a mínima atenção à existência de Cristo, que seus historiadores mais antigos sequer mencionam o seu nome*; a isso se soma hoje a observação de que esse estranho povo continua vivendo após dois milênios e apresenta elevado florescimento; nunca, nem mesmo em Alexandria, o destino dos judeus foi tão esplêndido quanto agora. Por fim, atuou um terceiro preconceito, que em última instância provinha das escolas filosóficas da Grécia, segundo o qual o monoteísmo, isto é, a ideia

24 Veja-se o capítulo 125 do Livro dos Mortos.

25 Citado por Graetz Lc., I, 634 sem precisar a obra.

de um Deus único e indivisível, deveria ser o sintoma de uma religião mais elevada; isso é uma conclusão absolutamente racionalista; a aritmética nada tem em comum com a religião; o monoteísmo pode significar tanto um empobrecimento quanto um enobrecimento da vida religiosa. Além disso, a esse funesto preconceito, que talvez tenha contribuído mais do que qualquer outra coisa para a ideia fixa de uma superioridade religiosa dos judeus, devem ser opostos dois fatos: primeiro, que os judeus, enquanto formavam uma nação e sua religião ainda possuía uma centelha de vida vigorosa, não eram mono-, mas politeístas; cada pequeno país e cada pequena tribo tinha o seu próprio deus; segundo, que os indoeuropeus, em seu caminho puramente religioso, haviam chegado a ideias muito mais grandiosas da unidade divina[26] do que a miseravelmente pobre ideia

26 Não necessito dar comprovações do politeísmo dos judeus; encontra-se em toda obra científica, além disso em cada terceira página do Antigo Testamento: veja também aqui, cap. 8. Até nos salmos "todos os deuses" são exortados a adorar a Iavé; Iavé só é para os judeus posteriores o "único Deus" na medida em que também os judeus (como nos acaba de informar Filão) "são os únicos seres humanos no verdadeiro sentido". Robertson Smith, cuja *Religion of the Semites*, (Religião dos Semitas), é considerada como uma obra científica fundamental, atesta que o monoteísmo não surge de uma disposição religiosa originária do espírito semita, mas que no essencial é um resultado político! (Veja a citada obra, p. 74). Em referência ao monoteísmo dos indo-europeus faço a seguinte observação: o Brama dos mitos indianos é, sem dúvida, o pensamento religioso mais portentoso que jamais foi pensado; sobre o puro monoteísmo dos peruanos podemos nos instruir em Darmesteter (The Sanskrit Bible, LXXXIII e seg.); o professor H. Gelzer escreve, por exemplo: "eu aprendi muito de novo, especialmente quão portentosa ideia de um Deus monoteísta tem sido Olimpia e que poder moral mundial tem sido o Zeus de Fídias" (extra de Gelzer de 10 de janeiro de 1896, publicada na Deutsches Revue, 1897, p. 241). Por demais, pode-se remeter aqui aos testemunhos mais insuspeitos de todos. O apóstolo Paulo diz (Romanos 1:21): "os romanos souberam que é o Deus Uno"; e o Padre da Igreja Agostinho desenvolve no décimo primeiro capítulo do quarto livro de seu *De civitate Dei* que, segundo as opiniões dos romanos cultos de sua época, dos "magni doctores paganorum", Júpiter é o único Deus e todas as outras deidades ilustram somente algumas de suas "virtudes". Agostinho usou a ideia já existente para explicar aos pagãos que não lhes resultava trabalhoso passar à fé no Deus uno e deixar as outras figuras. Faz sim, "quid aliud quam unum Deum colendum prudentius compendio?" (A recomendação da fé no Deus uno, como "processo abreviado" é, por outra parte, um traço comovedor dos oradores dias da infância da Igreja cristã!) E o que Agostinho desenvolve para os pagãos doutos, o atesta Tertuliano para o povo em geral; todo o mundo, diz, crê na verdade só em um Deus uno, e nunca se ouve invocar aos deuses em plural, mas sempre somente: "Grande Deus! Bom Deus! O que Deus queria! A Deus vos encomendo! Deus o pague!" Isto o considera Tertuliano como o testemunho de uma alma originariamente monoteísta: "O testimonium animae naturaliter Christianae!" (*Apologeticus*, XVII). Belas palavras sobre o monoteísmo inato monoteísta!" (*Apologeticus*, XVII). Belas palavras sobre o monoteísmo dos antigos escreveu Giordano Bruno em seu *Spaccio de la bestia trionfante*, ed. Lagarde, p. 532. Para que nesta questão tão importante não fique nada impreciso, devo agregar que Curtius, Paulo, Agostinho e Tertuliano se equivocam todos grandemente quando veem nestas coisas a prova de um monoteísmo no sentido do materialismo semita; seu juízo é embuído aqui pela influência de conceitos cristãos. A ideia de "o Divino", que encontramos em nosso conceito de Brahman e no neutro grego τὸ θεῖον, como assim também no neutro alemão *Gott*, que recebeu em épocas posteriores, devido à influência cristiana, a concepção como masculino (veja o *Etymological Dictionary of the Greek and Roman Antiquities*, p. 6), não deve de maneira alguma ser identificada com o criador pessoal do mundo dos judeus. Aqui vale para todos os povos indo-europeus o que o prof. Erwin Rohde desenvolve para os helenos: "Está-se em uma interpretação errônea se se pensa que o grego teve uma tendência para o monoteísmo (no sentido judaico). Não a uma unidade da pessoa divina, mas sim a uma unidade da essência divina (*Einheitlichkeit göttlichen Wesens*), a uma divindade uniformemente vivente em muitos deuses, a um divino geral (*allgemeinen Göttlichen*) se vê confrontado o grego onde entra em relação religiosa com os deuses" (*Die Religion der Griechen*, A Religião dos Gregos, nos *Bayreuther Blätter*, Periódico de Bayreuth, ano 1896, p. 213). Sumamente características são neste sentido as palavras de Lutero: "Na criação e nas obras (vista de fora contra a criatura) nós os cristãos estamos de acordo com os turcos; assim também dizemos que não há mais que um Deus uno." Mas nós dizemos que não é suficiente que somente creiamos que há um Deus uno." ("In der Schöpfung

judaica do criador do universo. Sobre essas questões terei frequentemente ocasião de voltar, especialmente nos capítulos sobre a entrada dos judeus na história ocidental e sobre a origem da Igreja cristã. Por ora, gostaria de esperar ter conseguido ao menos abalar a opinião preconcebida acerca da especial religiosidade do judaísmo. Creio que o leitor do ortodoxamente cristão Neander passará, de agora em diante, a balançar a cabeça com ceticismo quando encontrar a afirmação de que a figura de Cristo constitui "o centro" da vida religiosa dos judeus, que ela teria sido "planejada em todo o organismo dessa religião e de sua história nacional com necessidade intrínseca", etc., etc.;[27] diante das flores retóricas do livre-pensador Renan — "*Le Christianisme est le chef-d'œuvre du judaïsme, sa gloire, le résumé de son évolution; … Jésus est tout entier dans Isaïe*" (O cristianismo é a obra-prima do judaísmo, sua glória, o resumo de sua evolução; … Jesus está inteiramente em Isaías) — sorrirá com certo enfado;[28] e temo que chegue a explodir de riso, rindo-lhe na cara, quando o judeu ortodoxo Graetz lhe assegura que a imagem de Cristo é "a velha doutrina judaica com vestes novas", que então "havia chegado a época em que as verdades fundamentais do judaísmo, a plenitude de augustos pensamentos sobre Deus e uma vida santa tanto para o indivíduo quanto para o Estado, deveriam derramar-se no vazio de outros povos e lhes trazer um rico conteúdo".[29]

---

und in den Werken (von Hugo Grotius) sind wir Christen mit den Türken eins; da sagen wir denn auch, dass nicht mehr denn ein einiger Gott sei. Aber wir sagen, solches sei nicht genug, das wir allein glauben, dass ein einiger Gott sei.")

27 *Allgemeine Geschichte der christlichen Religion*, (História geral da Religião cristã). 4ª. ed./46.

28 *Histoire du Peuple d'Israël*, (História do povo de Israel), V, 415, II, 539, etc. A enormidade da asserção referente a Isaías evidencia-se principalmente em que Renan mesmo qualifica e elogia a este profeta como um "littérateur", e "journaliste", e que demonstra detalhadamente o papel nitidamente político que este importante homem jogou. "Nem um renglón de sua pena, que não tenha servido a uma questão do dia, ao interesse do momento" (II, 481). E precisamente neste homem estaria contida toda a personalidade de Jesus Cristo? É igualmente irresponsável (lamentavelmente não só em Renan) o emprego de versículos isolados de Isaías para suscitar a aparência de que o judaísmo apontava a uma religião universal. Assim se cita, p. ex., (XLIX, 6), onde Iavé fala a Israel: "Também te dei por luz das gentes, para que sejas minha salvação até o último extremo da terra." Silencia-se a respeito que no decurso seguinte do capítulo se declara que os pagãos hão de converter-se nos escravos dos judeus, e seus reis e princesas inclinarão o rosto à terra diante deles e "lamberão o pó de seus pés". E isto se afirma ser uma sublime religião universal! O mesmo sucede com o sempre mencionado capítulo LX; onde primeiro diz: "E andarão as gentes à tua luz", mas mais tarde com ponderável sinceridade: "Porque a gente ou o reino que não te servisse, perecerá; e de todo serão assolados!" Além disso se encarregam aos paganos aqui de trazer todo o ouro e todos os tesouros a Jerusalém, porque os judeus "...para sempre herdarão a terra". E semelhantes panfletos de incitamento político se ousa pôr em paralelo com a imagem de Cristo!

29 L.c., I, 570. Se afirmou frequentemente que os judeus têm pouco senso de humor, isto parece ser verdadeiro, pelo menos quanto aos indivíduos; imagine-se a "plenitude" destes escribas crassamente ignorantes, carentes de toda fantasia e a "vacuidão" dos helenos! Em pobre conceito tem Graetz a personalidade de Cristo; o máximo reconhecimento ao que chega é o seguinte: "Jesus também terá tido um modo de ser simpático, cativador do coração, pelo que sua palavra pôde fazer impressão" (I, 576). A crucificação é considerada pelo erudito professor de

III. CRISTO NÃO É JUDEU

Aquele que quiser ver a imagem de Cristo deve, portanto, arrancar dos próprios olhos esse véu obscuríssimo. Essa imagem não é a consumação da religião judaica, mas a sua negação. Precisamente ali onde as faculdades da alma ocupavam o menor lugar nas ideias religiosas, surgiu uma nova visão religiosa que — diferentemente de outras grandes tentativas de apreender a vida interior, seja por meio de pensamentos, seja por meio de imagens — coloca todo o peso dessa "vida no espírito e na verdade" na alma. A relação com a religião judaica, no máximo, poderia ser interpretada como uma reação; a alma é, como vimos, a fonte primigênia de toda religião genuína; justamente essa fonte estava quase obstruída entre os judeus por seu formalismo e por seu racionalismo insensível e endurecido de coração; é a ela, portanto, que Cristo remete. Poucas coisas permitem lançar um olhar tão profundo no coração divino de Cristo quanto o seu comportamento diante das leis religiosas judaicas. Ele as observa, mas sem zelo e sem lhes atribuir qualquer ênfase; pois, no melhor dos casos, elas são apenas um recipiente que, sem conteúdo, permaneceria vazio; e, assim que uma lei fecha o caminho que deve ser seguido, ele a rompe sem a menor consideração, mas igualmente com calma e sem ira; o que tudo isso tem a ver com religião? "O ser humano[30] também é senhor do sábado"; para o judeu, certamente, apenas Javé era senhor, e o ser humano, seu servo. Quanto às leis alimentares judaicas (um ponto tão importante em sua religião que a controvérsia sobre sua obrigatoriedade se estendeu até os primeiros tempos do cristianismo), Cristo julga: "O que entra pela boca não torna impuro o ser humano, mas o que sai da boca, isso torna impuro o ser humano. Pois o que sai da boca

---

Breslau como a consequência de um "mal-entendido". Acerca dos poucos judeus que posteriormente se converteram ao cristianismo diz Graetz que isto foi por causa das vantagens materiais, e a devoção formal por Cristo, "a levavam com a compra como algo acidental" (II, 30). Terá isto ainda hoje sua validade? Que o "pacto com Iavé era um contrato com obrigação recíproca, já sabíamos do Antigo Testamento; o que há para comprar em Cristo, me resulta pouco claro.

* Expressão alemã que significa aceitar algo ainda que não seja muito agradável por ser inerente à aquisição de uma coisa. (N. do T.)

30 O seguinte ensinamento sobre a expressão "filho do homem" é importante: A interpretação messiânica da expressão "filho do homem" provém somente dos tradutores gregos do Evangelho. Como Jesus falava em aramaico, não disse ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου, mas *barnasha*. Mas isto significa o ser humano e nada mais, os arameus não têm outra expressão para o conceito" (Wellhausen: *Israelitische und Jüdische Geschichte, História israelita e judaica*) 3ª edição, p. 381).

procede do coração e torna impuro o ser humano."[31] A isso também o Senhor diz aos cristãos em Cristo. Com respeito, mas sem fanatismo, ele fala dela. A maneira como põe a Escritura a serviço de seus fins é até muito curiosa; também em relação a ela sente-se "senhor" e, se necessário, a transforma em seu contrário. "Toda a Lei e os Profetas", declara ele, podem ser expressos no único mandamento: amar a Deus e ao próximo. Isso soa quase como uma ironia sublime, sobretudo se considerarmos que Cristo não menciona, em nenhuma sílaba, *o temor de Deus, que, no entanto (e não o amor a ele), constitui o fundamento de toda a religião judaica*. "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria", canta o salmista. "Escondei-vos na terra diante do temor do Senhor e de sua majestade", diz Isaías aos israelitas; e até Jeremias parece ter esquecido que existe uma lei segundo a qual "é preciso amar a Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e com todo o entendimento"[32], pois faz Javé dizer ao seu povo: "Quero pôr o meu temor em seus corações, para que não se afastem de mim; devem temer-me durante toda a sua vida". Qual posição da Igreja é que se refere ao "não deixará de lhes fazer bem", etc.? Transformações semelhantes das palavras da Escritura encontramos em Cristo em muitos lugares. E se agora vemos, de um lado, um Deus da misericórdia, de outro, um Deus da dureza de coração[33]; de um lado, a

31 "Se o ser humano é impuro, então o é porque fala faltando à verdade", diziam as prescrições de sacrifícios dos indianos ários, já 1000 anos antes de Cristo (Shatapatha-Brahmana, primeiro verso da primeira seção do primeiro livro).

32 No quinto livro de Moisés (Deuteronômio VI, 5) encontramos certamente palavras semelhantes a estas referidas por Cristo (Mateus XXII, 37), mas não se passe por alto a conexão! Antes do mandamento de amar (para nosso sentir já uma ideia estranha: amar, por ordem) figura como primeiro e mais importante mandamento (versículo 2): "Para que temas a Jeová teu Deus guardando todos seus estatutos e seus mandamentos"; e ato seguinte vem a recompensa por este amor (versículo 10 e seg.): "Te darei cidades grandes e boas que tu não edificaste, e casas cheias de todo bem, que tu não fizeste, e cisternas cavadas, que tu não causaste, vinhas e oliveiras que não plantaste, etc." Esta é uma classe de amor como aquela que hoje funda mais de um casamento! De qualquer modo, o "amor ao próximo" apareceria como uma luz estranha se não se soubesse que segundo a lei judia só o judeu é para o judeu um "próximo"; como assim diz no mesmo lugar, cap. VII, 16: "E engolirás a todos os povos que te dá Jeová teu Deus!" Este comentário ao mandamento do amor ao próximo torna supérflua toda ulterior observação. Mas para que ninguém deixe de ver claro sobre o que é que os judeus entenderam também mais tarde sob esta ordem de amar a Deus de coração, referirei também o comentário do Talmud (Yoma, cap. 8) sobre esse lugar da lei, Deut. VI, 5: "Nisto se ensina: teu comportamento há de ser tal, que o nome de Deus seja amado através de ti; porque o ser humano deve ocupar-se da investigação da Sagrada Escritura e da Mishná e praticar trato com homens doutos e sábios; sua fala seja suave, seu comportamento adequado e no comércio e intercâmbio com seus congêneres aplique-se à honestidade e hombridade de bem. Que dirão então as gentes? Salve este homem, que se ocupou da investigação da santa doutrina!" (Segundo a versão ao alemão do judeu Seligmann Grünwald na *Jüdische Universal-Bibliothek* (Biblioteca Judaica Universal), caderno 34, 35, p. 86). No livro Sotá do Talmud jerusalemita (V,5) pode-se encontrar um comentário um pouco mais sensato, mas idênticamente raso. Esta é a interpretação judia ortodoxa do mandamento: E amarás a Deus de todo coração! Não é o jogo mais indigno com as palavras se se assevera aqui que Cristo ensinou o mesmo que a Torá?

33 O judeu crente Montefiore: *Religion of the ancient Hebrews*, (Religião dos antigos Hebreus) (1893), p. 442, reconhece que o pensamento "Deus é o amor" não aparece em nenhuma obra puramente hebraica de nenhuma

doutrina de que é preciso amar o “Pai celestial” de todo o coração, de outro, servos aos quais se inculca o temor diante do “Senhor” como primeiro dever[34]; então podemos muito bem perguntar o que significa isso quando se designa uma visão de mundo como a obra, como a consumação da outra. Isso é sofisma, não verdade. O próprio Cristo o disse em palavras simples: “Quem não está comigo está contra mim”; *nenhuma manifestação do mundo está tão exatamente “contra ele” quanto a religião judaica, assim como, de modo geral, todo o conceito de religião por parte dos judeus, desde os primórdios até os dias de hoje*.

E, no entanto, precisamente nesse sentido a religião judaica forneceu um solo tão excelente para um novo ideal religioso como nenhuma outra: isto é, para uma nova concepção de Deus.

O que para outros significava pobreza, para Cristo foi justamente uma fonte dos dons mais ricos. A desolação horrível, para nós quase inconcebível, da vida judaica — por exemplo, *sem arte, sem filosofia, sem ciência* — da qual os judeus mais bem dotados fugiam em grandes grupos para o estrangeiro, era um elemento indispensável para uma existência simples e santa. Às faculdades afetivas, aquela vida oferecia quase nada, nada além da vida familiar. E assim a alma mais rica que jamais viveu pôde mergulhar-se inteiramente em si mesma, encontrar alimento unicamente nas profundezas do próprio interior. “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino de Deus.” Talvez só tenha sido possível, nesse ambiente desolado, descobrir esse “giro” da vontade como etapa prévia para um novo ideal humano; somente ali, onde o “Deus dos exércitos” dominava implacavelmente, pôde elevar-se o pressentimento celestial à certeza: “Deus é Amor.”

Em relação a isso, porém, o seguinte é o mais importante:

A disposição espiritual peculiar dos judeus, sua falta de fantasia devida ao predomínio tirânico da vontade, conduziu-os a um materialismo abstrato muito particular. Aos judeus, como materialistas, estava muito próxima, como a todos

---

época.

34 Montefiore e outros autores negam que a relação de Israel com respeito a Iavé tenha sido a de servos com respeito a seu senhor, mas a Escritura o diz inequivocamente em muitos lugares, assim p. ex. LEV. XXV, 55: “Servos são para mim os filhos de Israel, meus servos, a quem conduzi desde o país egípcio”; e a tradução literal do texto hebraico seria escravo! (comp. a tradução literal de Louis Segond).

os semitas, a idolatria grosseira; repetidas vezes os vemos fabricar imagens e prostrar-se diante delas em adoração; a luta moral, que se estendeu por séculos, que seus grandes homens travaram contra isso, é uma faixa heroica na história do poder da vontade humana. Mas a vontade desprovida de fantasia projetou-se, como costuma acontecer, muito além do alvo; toda efígie, mais ainda, frequentemente tudo o que é "obra das mãos", encerra para os judeus do Antigo Testamento o perigo de tornar-se um ídolo adorado. Nem mesmo as medalhas podem trazer uma cabeça humana ou uma figura alegórica, nem mesmo as bandeiras, um emblema. Todos os não judeus são, assim, para os judeus, "idólatras". E disso, diga-se de passagem, derivou-se por sua vez uma confusão cristã, que se manteve até os últimos anos do século XIX e que mesmo hoje está esclarecida apenas para a ciência, não para a massa dos fiéis. Na verdade, os semitas são possivelmente os únicos seres humanos de toda a terra que alguma vez foram e puderam ser autênticos idólatras. Em nenhum ramo da família indo-europeia houve, em época alguma, idolatria. Os indianos arianos não mestiçados, assim como os iranianos, nunca tiveram nem imagens nem templos; seriam incapazes sequer de compreender o esquema grosseiramente materialista da idolatria semita da Arca da Aliança judaica com suas esfinges egípcias; nem os germanos, nem os celtas, nem os eslavos adoravam figuras. E onde vivia o Zeus helênico? Onde Atena? Nas poesias, na fantasia, no alto do Olimpo cercado de nuvens, mas nunca jamais em tal ou qual templo. Em honra do Deus, Fídias criou sua obra imortal; em honra dos deuses, faziam-se as inúmeras pequenas figuras que adornavam todas as casas e as enchiam da ideia viva de seres superiores. *Os judeus, porém, tomavam-nas por ídolos!* Olhavam cada objeto apenas sob o aspecto de sua utilidade; que alguém expusesse diante dos olhos algo belo para entusiasmar-se e deleitar-se com isso, para levar alimento ao coração, para despertar o sentido religioso: isso lhes era inconcebível. Do mesmo modo, os cristãos tomaram por ídolos as efígies de Buda; mas os budistas não reconhecem nenhum Deus, muito menos um ídolo; essas estátuas destinam-se a estimular a contemplação e o afastamento do mundo. Mais ainda: nos últimos tempos, os teólogos começam até a duvidar seriamente de que exista sequer algum povo verdadeiramente primitivo que adore de fato seus assim chamados fetiches como ídolos; antes isso era simplesmente dado como certo. Agora

descobre-se, em um número cada vez maior de casos, que esses filhos da natureza associam aos seus fetiches ideias simbólicas extremamente complexas. Parece *que, entre todos os seres humanos, somente os semitas foram capazes de fabricar bezerros de ouro, serpentes de bronze, etc., e depois adorá-los*.[35] E como os israelitas já então estavam mentalmente muito mais desenvolvidos do que o estão hoje os negros australianos, inferimos disso que aqui não podia ser a falta de capacidade de discernimento o motivo de tais aberrações, mas sim alguma unilateralidade do espírito: essa unilateralidade era a preponderância anormal da vontade. À vontade, como tal, falta não apenas toda fantasia, mas também toda reflexão; para ela, só uma causa é natural: lançar-se sobre o que está presente e apoderar-se disso. Por isso, a nenhum povo foi tão difícil quanto ao israelita elevar-se a um alto conceito do Divino, e nunca a nenhum povo foi tão difícil conservar puro esse conceito. Mas na luta as forças se temperam: o povo mais a-religioso da terra constituiu o fundamento para o novo e mais sublime conceito de Deus, para um conceito que veio a tornar-se patrimônio comum de toda a humanidade civilizada. Pois sobre esse fundamento edificou Cristo; pôde fazê-lo graças àquele "materialismo abstrato" que encontrou ao seu redor. Em outras partes, as religiões sufocavam na riqueza de suas mitologias; aqui não havia mitologia alguma. Em outras partes, cada deus possuía uma fisionomia tão pronunciada que, por meio da poesia e da escultura, havia se tornado algo tão individual que nenhum teria sido capaz de transformá-lo da noite para o dia; ou então (como no caso de Brahman, na Índia) a ideia correspondente havia pouco a pouco se sublimado tanto que já não restava nada para uma remodelação vivente. Entre os judeus não ocorria nenhum dos dois casos: embora Javé fosse uma concepção extremamente concreta, mais ainda, absolutamente histórica, e, portanto, uma figura muito mais apreensível do que jamais o fora o arco pleno de fantasia; ao mesmo tempo, porém, não era permitida a sua representação, nem em figura nem por meio da palavra.[36] O gênio religioso da humanidade encontrou,

35 Apenas preciso chamar a atenção sobre o fato de quão puramente simbólicas eram as formas do culto dos egípcios e sírios, de quem os judeus tinham tomado a maioria destas figuras especiais do touro e da serpente.

36 Quando em época muito posterior os judeus não puderam, no entanto, resistir de todo o impulso à representação, trataram de suprir a carência de força criadora pela verborragia oriental, do que se pode ver um exemplo em Ezequiel, cap.

portanto, aqui uma *tabula rasa*. O Javé histórico Cristo teve de destruir tão pouco quanto a “lei” judaica; nem um nem a outra têm uma relação real com a religião genuína. Do mesmo modo, porém, que mediante aquele “giro” interior ele de fato reconstruiu a chamada lei, desde os verdadeiros fundamentos, numa lei nova, assim também utilizou a abstração concreta do deus judaico para dar ao mundo uma concepção totalmente nova de Deus. Fala-se de antropomorfismo! Pode o ser humano agir e pensar de outra maneira que não como *anthropos*? Essa nova concepção da Divindade distinguia-se, contudo, de outras intuições sublimes pelo fato de que a imagem não era pintada nem com as cores irisadas do simbolismo, nem com o buril corrosivo do pensamento, mas era, por assim dizer, recolhida como num espelho no mais íntimo da alma, tornando-se, doravante, para todo aquele que tem olhos para ver, uma vivência própria e imediata. Certamente esse ideal não poderia ter sido erguido em nenhum outro lugar senão naquele único em que o pensamento de Deus se mantinha desprovido de fantasia e, ao mesmo tempo, havia permanecido inteiramente sem desenvolvimento.

Até agora, temos concentrado nossa atenção no que separa ou, pelo menos, diferencia Cristo do judaísmo; seria parcial se nos limitássemos a isso. Tanto seu destino quanto os acontecimentos principais de sua existência estão entrelaçados com a história e o modo de vida judaicos. Ele se destaca em relação ao seu entorno, mas, ainda assim, pertence a ele. Aqui são especialmente relevantes dois traços fundamentais do caráter nacional judaico: o conceito histórico da religião e a preponderância da vontade. Esses dois traços estão entre si em uma relação genética, como veremos a seguir. O primeiro influenciou profundamente, sobretudo, todo o destino da vida de Cristo e o destino de sua memória; neste último reside sua doutrina moral. Quem não passar despercebido diante dessas questões encontrará explicação para mais de uma das questões mais profundas e difíceis na história do Cristianismo e para algumas das contradições internas insolúveis de nossas religiões até os dias de hoje.

IV. RELIGIÃO HISTÓRICA

Dos muitos povos semitas, apenas um se conservou como unidade nacional, e justamente um dos menores e politicamente mais insignificantes; esse pequeno povo resistiu a todos os embates e apresenta-se hoje como um exemplo único entre os seres humanos: sem pátria, sem chefe, disseminado por todo o mundo, incorporado às mais diversas nacionalidades e, apesar disso, unido e consciente de sua unidade. Esse milagre é obra de um livro, a Torá (com tudo o que, ao longo do tempo, até os nossos dias, foi sendo acrescentado como complemento). Esse livro, porém, deve ser considerado como o testemunho de uma alma popular inteiramente estranha, à qual, em um momento crítico, homens importantes e coerentes indicaram esse caminho determinado. No capítulo seguinte, ocupar-me-ei detidamente da origem e da importância dessas escrituras. Por ora, quero apenas chamar a atenção para o fato de que o Antigo Testamento é uma obra nitidamente histórica. Prescindindo de acréscimos posteriores isolados, que no fim das contas são completamente secundários (como os chamados Provérbios de Salomão), cada frase desses livros é histórica; também toda a legislação que eles contêm é fundamentada historicamente e se articula, ao menos, na forma de acontecimentos narrados: “o Senhor falou com Moisés”, o holocausto de Aarão é consumido pelo Senhor, os filhos de Aarão são mortos durante a proclamação das leis, etc.; novelesco, como no livro de Jó, ou então uma ousada falsificação histórica, como no livro de Ester. Por esse predomínio da crônica, a Bíblia se distingue de todos os outros livros sagrados conhecidos. Aquilo que ela contém como religião apresenta-se como componente de um relato histórico, e não o contrário; seus mandamentos éticos não brotam de uma necessidade interior, do mais recôndito do coração humano, mas são “leis” que foram promulgadas sob determinadas circunstâncias, em dias determinados, e que podem ser revogadas a qualquer momento. — Lance-se um olhar comparativo sobre os indianos arianos: com frequência lhes vinham à mente questões sobre a origem do mundo, sobre o de onde e para onde, mas não como componente essencial

da elevação de suas almas a Deus; essa pergunta pelas causas nada tem a ver com sua religião e, em vez de lhe atribuírem grande importância, os cantores de hinos exclamam quase ironicamente:

"Quem já ouviu de onde provém a Criação?

Aquele que a contempla na mais alta luz do céu,

Aquele que a fez — ou não a fez,

Só ele o sabe! — ou talvez nem ele o saiba?"[37]

Exatamente a mesma concepção foi expressa por Goethe — a quem às vezes se chama o "grande pagão", mas que, com ainda mais razão, deveria ser chamado o grande ariano — quando proferiu as palavras: "Uma pergunta viva pela causa produz grande dano." ("Lebhafte Frage nach der Ursache ist von grosser Schädlichkeit.") De modo semelhante se exprime um naturalista alemão da atualidade: "No infinito não pode ser buscado um novo fim, nenhum começo. Por mais longe que façamos recuar a gênese, permanece sempre aberta a pergunta pelo primeiro do primeiro, pelo princípio do princípio."[38] Muito diferente era o sentimento do judeu. Ele tinha conhecimento da criação do mundo, do mesmo modo que hoje o têm os índios selvagens da América do Sul ou os negros australianos. Mas, rico como nesses casos era o resultado da falta de esclarecimento, ao questionamento profundamente inteligente e melancólico dos pastores arianos jamais foi permitido ocupar um lugar em sua literatura; era a vontade despótica que o proibia e que, por meio de um dogmatismo fanático, imediatamente refreava o ceticismo, que não podia faltar em um povo intelectualmente tão desperto (veja-se o Koheleth, ou Livro do Pregador). Quem quiser possuir plenamente o hoje deve também envolver o ontem, do qual ele emergiu. O materialismo fracassa tão logo deixa de ser consequente; ao judeu isso era ensinado por um instinto infalível; e, exatamente da mesma maneira que nossos materialistas contemporâneos sabem como o pensamento se origina dos movimentos dos átomos, aquele sabia como Deus havia feito o mundo e que, de um pedaço de barro, havia

37 Rigveda X, 129, 7. (segundo Deussen).

38 Adolf Bastian, o exímio etnólogo, em sua obra: *Das Beständige in den Menschenrassen*, O constante nas raças humanas (1868), p. 28.

feito o ser humano. A criação, porém, é o que menos importa; o judeu tomou as mitologias que veio a conhecer em suas viagens, despojou-as, na medida do possível, de seu caráter mitológico e as acomodou em acontecimentos históricos tão concretos quanto lhe foi factível.[39] Mas só então vem sua obra-prima: do escasso material que era comum a todos os semitas[40], o judeu construiu toda uma história mundial e, em seguida, colocou a si mesmo no centro; e, a partir desse momento, isto é, desde o momento em que Yahweh faz a aliança com Abraão, o destino de Israel passa a constituir a história mundial, mais ainda, a história de todo o cosmos, a única coisa com a qual o Criador do mundo se preocupa. É como se os círculos se estreitassem cada vez mais; ao final resta apenas o centro, o “eu”; a vontade triunfou. Isso, com efeito, não foi obra de um dia; ocorreu paulatinamente; o judaísmo propriamente dito, isto é, o Antigo Testamento em sua forma atual, só se formou e se afirmou definitivamente com o retorno do cativeiro babilônico.[41] E agora foi aplicado e desenvolvido de modo consciente aquilo que antes se realizara com genialidade inconsciente: a ligação do passado e do futuro com o presente, de tal maneira que cada um dos momentos formava um centro no caminho reto, como se estivesse estendido a cordel, que o povo judeu devia percorrer e do qual, daí em diante, não podia afastar-se nem para a direita nem para a esquerda. No passado, feitos milagrosos divinos em benefício dos judeus; e, no futuro, a esperança no Messias e o domínio mundial; esses eram os dois elementos, que se complementam mutuamente, de tal concepção da história. O instante perecível recebia uma significação estranhamente viva pelo fato de ser visto como algo que crescia a partir do passado, seja como recompensa, seja como castigo, e por se acreditar que fora exatamente predito nas profecias. Dessa maneira, também o porvir adquiria uma realidade inaudita: era como se se tivesse o futuro nas mãos. Ainda que inúmeras promessas e predições não se tivessem cumprido[42], isso sempre podia ser facilmente explicado; a vontade não é complacente,

39 "As mitologias estrangeiras se transformam entre as mãos dos semitas em relatos chãmente históricos" - "Les mythologies étrangères se transforment entre les mains des Sémites en récits platement historiques" (Renan: Israël, I, 49).

40 Comp. a história da criação, do fenício Sanchuniathon.

41 Veja-se Cap. 5. Como ponto de referência e para fazer ressaltar drasticamente as diferenças de aptidões: uns 300 anos depois de Homero, apenas um século antes de Heródoto.

42 Por exemplo, logo como primeira promessa a Abraão: "o país de Canaã te darei em eterna possessão."

não afrouxa aquilo que segura em sua mão, ainda que fosse apenas uma quimera; quanto menos se havia cumprido até então, tanto mais rico aparecia o porvir; e tanto estava escrito (especialmente na lenda do Êxodo) que não podia surgir a dúvida. Aquilo que se chama a fé na letra (Buchstabenglauben) dos judeus é, certamente, algo bem diverso da fé dogmática dos cristãos: não é uma fé em mistérios abstratos, inimagináveis, nem em diversas ideias mitológicas, mas algo totalmente concreto, histórico. A relação dos judeus com o seu deus é, desde o início, uma relação política.[43] Yahweh lhes promete, sob certas condições, o domínio do mundo; e sua obra histórica é um milagre de estrutura tão engenhosa que os judeus, apesar do destino mais miserável e lastimoso (como povo) de que façam referência os anais mundiais — mal desfrutaram uma única vez, sob Davi e Salomão, de meio século de relativo bem-estar e de condições ordenadas —, ainda assim veem o seu passado com as cores mais luminosas, percebem em toda parte a mão protetora de Deus estendida sobre o seu povo eleito, sobre os "únicos seres humanos no verdadeiro sentido", encontram por toda parte, por conseguinte, provas históricas da verdade de sua fé, da qual extraem então a confiança de que aquilo que foi prometido muitos séculos antes a Abraão ainda se cumprirá integralmente. A promessa divina estava, contudo, como já foi dito, sujeita a condições. Não se podia andar pela casa, nem beber e comer, nem passear pelo campo, sem recordar centenas de mandamentos, do cumprimento dos quais dependia o destino da nação. Como canta o salmista do judeu (salmo 1,2):

Na lei de Jeová está o seu deleite.

E em sua lei medita de dia e de noite.[44]

Nós depositamos a cada dois anos uma cédula eleitoral na urna; que a nossa vida possua, além disso, alguma importância nacional, mal o sabemos ou sequer o sabemos; o judeu jamais pôde esquecê-lo. Seu Deus lhe havia prometido: "nenhum povo te resistirá até que o extermines", mas

43 Comp. Robertson Smith: *The Prophets of Israel*, Os Profetas de Israel, p. 70 e 133.

44 Na coleção de lendas populares e contos judaicos intitulada *Sippurim* menciona-se frequentemente que o judeu comum (indouto) deve aprender de memória seiscentas treze leis. O *Talmud*, porém, ensina treze mil seiscentas leis, cujo cumprimento é mandato divino! (veja Dr. Emanuel Schreiber: *Der Talmud vom Standpunkte des modernen Judentums.* (O Talmude desde o ponto de vista do judaísmo moderno).)

acrescentou imediatamente: “todos os mandamentos que te ordeno deverás cumprir!” Assim, Deus estava eternamente presente na consciência. Fora da posse material, ao judeu, na realidade, tudo era proibido; à posse, portanto, era dirigida a sua mente; e era de Deus que devia esperar a posse. Ora, quem nunca trouxe à mente as relações aqui brevemente esboçadas dificilmente poderá fazer ideia de quão insuspeitada vivacidade o pensamento em Deus adquiria sob essas condições. É certo que o judeu não podia representar Deus em imagem; mas a sua influência, a sua intervenção diária nos destinos do mundo, era de certo modo uma questão de experiência: pois toda a nação vivia disso; refletir sobre isso era (se não na diáspora, com certeza na Palestina) a sua única ocupação espiritual.

Graças ao sentido histórico concreto e não ideal dos judeus, despertou-se uma consciência totalmente afastada do culto ariano da natureza, que tudo abarca, e de sua confissão *tat-tuam-asi* (isto tu também és), junto ao berço do antropomorfismo propriamente dito, onde toda a criação existia apenas para o ser humano e todos os seres humanos apenas para esse único povo eleito, isto é, na mais imediata presença de Deus e da Providência divina. Encontrou-se aqui aquilo que em nenhuma outra parte do mundo poderia ter sido encontrado: uma estrutura acabada, completa, dentro da qual pôde ser edificado um pensamento inteiramente novo de Deus e da religião. Do pensamento judaico propriamente dito já não restou nada depois que Jesus viveu; assim como, após concluída a construção do templo, o andaime pôde ser desmontado. Mas ele havia servido, e o edifício seria inconcebível sem o andaime. O Deus a quem se pede o pão de cada dia só podia ser pensado ali onde um Deus havia prometido a cada um as coisas deste mundo; só se podia implorar o perdão das culpas àquele que havia promulgado determinados mandamentos. Quase temo ser mal interpretado se aqui me detenho em pormenores; basta que eu tenha tornado compreensível a ideia geral da atmosfera inteiramente peculiar da Judeia, da qual resultará depois a percepção de que a religião por demais ideal não teria a mesma força vital se não tivesse tomado como ponto de partida a mais material e, podemos dizê-lo tranquilamente, *a mais materialista do mundo. Por esse motivo, e não como consequência de sua*

supostamente mais elevada religiosidade, o judaísmo chegou a ser um poder religioso mundial.

A questão torna-se ainda mais clara quando se observa a influência dessa fé histórica sobre o destino de Cristo.

A mais portentosa personalidade só pode agir se for compreendida. Por mais defeituosa que seja essa compreensão, e ainda que com frequência seja uma interpretação equivocada, alguma comunidade de sentir e de pensar deve servir como meio de ligação entre o grande solitário e a multidão. Os milhares que ouviram o sermão da montanha, com toda certeza, não compreenderam Cristo; como isso teria sido possível? Era um povo pobre, tremendamente oprimido por guerras e revoltas incessantes, sistematicamente embrutecido por seus sacerdotes; o poder de sua palavra, porém, despertava no coração dos mais bem dotados um tom que não teria ressoado em nenhuma outra parte da terra: seria Este o Messias, o Salvador prometido de nossa desgraça e miséria? Que imensa força residia na possibilidade de uma ideia assim! De imediato, o presente fugaz e mesquinho ligava-se ao passado mais remoto e ao futuro seguramente iminente, e com isso o instante atual adquiria uma importância imperecível. A aquisição de novos recursos, que aumentou o presente, adquiria importância imperecível. Que o Messias que os judeus esperavam não tivesse, de modo algum, o caráter que nós, indo-europeus, atribuímos a esse conceito é algo secundário[45]; o pensamento existia ali, a fé

45 Até um investigador tão ortodoxamente eclesiástico como Stanton admite que o pensamento messiânico judaico era nitidamente político (veja *The Jewish and the Christian Messiah*, (O Messias judaico e o cristão), 1886, p. 112 e seg., 128 e seg. etc.). Sabe-se que a teologia se ocupou muito nos últimos tempos da história das ideias messiânicas. O resultado para nós leigos é principalmente a comprovação de que os cristãos, induzidos por falsas doutrinas especificamente galileias e samaritanas, falsearam a expectativa de um Messias com uma ideia que em verdade os judeus nunca a tinham tido. As interpretações forçadas dos velhos profetas desde sempre tinham causado a indignação dos exegetas judaicos; mas agora também se admite, por parte cristã, que pelo menos os profetas anteriores ao exílio (e estes são os mais importantes) não sabiam nada da esperança de um Messias (veja p. ex. Paul Volz: *Die vorexilische Jahveprophetie und der Messias*, A Profecia de Iavé pré-exílica e o Messias, 1897, como último resumo); o Antigo Testamento não conhece sequer a palavra, e um dos teólogos mais eminentes de nosso tempo, Paul de Lagarde (*Deutsche Schriften*, Escritos alemães), assinala que a expressão *maschiach* não é de maneira alguma uma expressão originariamente hebraica, mas tomada tardíamente como empréstimo da Assíria ou Babilônia. É também particularmente notável que esta expectativa do Messias, quando aparecia, mudava constantemente a figura: uma vez ia vir um segundo rei Davi, outra vez a ideia apontava simplesmente a um domínio mundial judaico em geral, logo é o próprio Iavé com seu juízo celestial, "quem termina de golpe com os soberanos existentes e dá ao povo de Israel domínio imperecível, um reino universal, do qual também participam os justos redivivos, enquanto que os renegados são condenados à eterna ignomínia" (comp. Karl Müller: *Kirchengeschichte*, História eclesiástica, I, 15); outros judeus por sua vez discutem se o Messias será um Ben-Davi ou um Ben-José; alguns creem que haverá dois, outros são de opinião que nascerá na diáspora romana; mas nunca e em nenhuma parte se encontra o pensamento de um Messias sofredor, que redime por sua morte (veja Stanton, p. 122-124). Os judeus melhores, os mais cultos e devotos, de todos modos nunca participaram de semelhantes

historicamente motivada de que, a qualquer momento, podia e devia aparecer um Salvador vindo do céu. Em nenhum outro lugar da terra um único homem poderia ter tido essa premonição, por mais equívoca que fosse, da significação universal de Cristo. O Salvador teria sido um ser humano entre seres humanos. E nisso me parece que ele teria sido um ser humano entre seres humanos. “Crucificado, crucificado”; os milhares que pouco depois gritaram “Crucificado, crucificado” demonstraram tanta compreensão quanto aqueles que haviam escutado, em recolhimento, o sermão da montanha. Pilatos, aliás um juiz duro e cruel, não pôde encontrar culpa alguma em Cristo;[46] na Hélade e em Roma ele teria sido venerado como um homem santo. O judeu, ao contrário, que vivia unicamente na história, para quem o conceito “pagão” de moral e de santidade era estranho, pois só conhecia uma “lei” e a obedecia, ademais, por motivos inteiramente práticos, isto é, para não atrair sobre si a ira de Deus e para assegurar o seu futuro histórico, o judeu julgava uma figura como a de Cristo de modo puramente histórico e, com razão, tinha de enfurecer-se quando o reino que lhe fora prometido, para cuja conquista sofrera e suportara durante séculos, para cuja posse se separara de todos os seres humanos da terra e se tornara odiado e desprezado por todos, quando esse reino, no qual esperava ver diante de si todas as nações em cadeias e todos os príncipes de joelhos “lambendo o pó”, de repente iria ser transformado de um reino terreno em um “reino que não é deste mundo”. Yahweh havia prometido frequentemente ao seu povo que “não o defraudaria”; mas aos judeus isso deve ter parecido um engano. Não apenas um, muitos foram executados porque foram tomados pelo Messias prometido ou se faziam passar por tal. E com razão, pois a fé no futuro era tão um pilar de sua ideia nacional quanto a fé no passado. E agora, para

alucinações apocalípticas. No Talmud lemos (*Sabbath*, cap. 6): "Entre o tempo presente e o messiânico não há diferença senão em que a pressão sob a qual Israel languidece até então, acaba." (Pelo contrário veja no tratado *Sanhedrin* do Sanedrino, p. 96b e seg. a tremenda confusão e a constante puerilidade das ideias messiânicas). Agora bem: penso ter dado com o núcleo do problema em minhas disquisições precedentes: em uma religião absolutamente histórica como a judaica, a segura posse do futuro é uma necessidade tão imperiosa como a segura posse do passado; desde os tempos primitivos vemos que este pensamento no futuro anima os judeus, os anima ainda hoje; segundo as influências do entorno o povo carente de fantasia outorgou a suas expectativas diferentes formas, essencial é somente a convicção firme, inabalável como uma rocha, que não os abandonou nunca, de que os judeus alguma vez dominariam o mundo. Isto é, pois, uma componente de seu caráter, a projeção visível para fora de seu modo de ser mais íntimo. É seu substituto da mitologia.

46 Tertuliano faz a respeito a encantadoramente ingênua observação: "Pilatos já era cristão em seu coração!" (*Apologeticus*, XXI).

cúmulo, essa heresia galileia! Içar, no lugar desde sempre sagrado do materialismo obstinado, a bandeira do idealismo! Transformar por artes mágicas o Deus da vingança e da guerra em um Deus do amor e da paz! Ensinar à vontade impetuosa, que estendia ambas as mãos para todo o ouro da terra, que devia lançar fora de si aquilo que possuía e buscar no próprio interior o tesouro oculto - - - O Sinédrio judeu viu mais profundamente do que Pilatos (e do que muitos milhares de teólogos cristãos). Com plena consciência, certamente não; mas com aquele instinto infalível que a raça pura confere, prendeu aquele que minava o fundamento histórico da vida judaica ao ensinar: “Não vos preocupeis com o dia de amanhã”, aquele que, em cada uma de suas palavras e de seus atos, transfigurava o judaísmo em seu contrário, e não o soltou de suas mãos até que ele tivesse exalado a alma. E somente assim, com a morte, cumpriu-se o destino, deu-se o exemplo. Por meio de doutrinas não podia ser fundada uma nova fé; não faltavam então nobres sábios moralistas, nenhum deles teve qualquer poder sobre os seres humanos; era preciso que uma vida fosse vivida e que essa vida fosse imediatamente incorporada, como fato histórico-universal, à grande história universal já existente. Unicamente um ambiente judeu correspondia a essas condições. Como fato histórico-universal na grande história universal já existente. Unicamente um ambiente judeu correspondia a essas condições. E, da mesma maneira que a vida de Cristo só pôde ser vivida com o auxílio do judaísmo, apesar de ser a sua negação, assim também a jovem Igreja cristã desenvolveu antiquíssimas concepções arianas — do pecado, da redenção, do renascimento, da graça, etc. (todas essas coisas que eram e permaneceram completamente desconhecidas aos judeus) — até uma forma clara e visível, ao incorporá-las no esquema histórico judaico.[47] Nunca se conseguirá separar completamente a imagem de Cristo desse fundo judaico; isso já foi tentado nos primeiros séculos cristãos, mas sem êxito, pois, desse modo, apagavam-se os mil traços pelos quais a personalidade havia revelado a sua peculiaridade, restando apenas uma abstração.[48]

47 Embora o mito do pecado original apareça no começo do primeiro livro de Moisés, evidentemente é uma ideia emprestada, já que os judeus nunca a compreenderam e não encontrou aplicação em seu sistema. Aquele que não infringe a lei é a seu entender livre de pecado. Assim também sua espera de um Messias não tem nada que ver com nossa ideia de "redenção". Maiores pormenores nos caps. 5 e 7.

48 É esta a tendência da gnose em geral; a expressão completamente meditada, mais nobre, encontra esta orientação, quanto me posso permitir ter confiança em meu juízo, em Marcião (meados do século 2), que estava de tal maneira

V. A VONTADE NOS SEMITAS

Ainda mais profunda é a influência do segundo traço do caráter. Vimos que aquilo que chamei de instinto histórico do judeu se deve, em última instância, à posse de uma vontade anormalmente desenvolvida. A vontade alcança no judeu uma supremacia tal que vence e domina as demais disposições. Dessa maneira, surge, por um lado, algo extraordinário, realizações que para outros seres humanos não seriam nem possíveis nem desejáveis; por outro lado, porém, estranhas limitações. Cristo, dependente para a sua ação desse ambiente, teve de adequar a ele as suas doutrinas que, antijudaicas no mais profundo, aparecem necessariamente com coloração judaica na ênfase dada à vontade. Esse traço vai extremamente fundo e se ramifica profusamente, como uma rede de vasos sanguíneos, até cada uma das palavras, até cada uma das ideias. Por meio de uma comparação, espero poder tornar claramente compreensível o pensamento. Observe-se a ideia helênica do Divino e do humano e a sua relação recíproca. Alguns deuses lutam por Troia, outros pelos aqueus; ao unir-me a uma parte da Divindade, torno-me estranho à outra; a vida é uma luta, um jogo, o mais nobre pode sucumbir, o mais miserável triunfar; a moralidade é, em certo sentido, um assunto pessoal, o ser humano é senhor do seu próprio interior, não do seu destino; não existe uma Providência vigilante que castigue e recompense. É que tampouco os deuses são livres; o próprio Zeus deve submeter-se ao destino. “Escapar à fatalidade imposta não é possível nem a um Deus”, escreve Heródoto. Um povo que gera a Ilíada produzirá mais tarde grandes naturalistas e grandes pensadores. Pois quem observa a natureza com os olhos abertos, não cegados por nenhum egoísmo, descobrirá nela, por toda parte, o domínio da lei; a legalidade no terreno moral chama-se destino para o artista e predestinação para o filósofo. Para o observador fiel da natureza, o pensamento da arbitrariedade é, antes de tudo, inconcebível; ele não se decide sequer a

---

imbuído do absolutamente novo do ideal cristão como talvez nenhum mestre de religião posterior a ele; mas precisamente num exemplo desta índole um se dá mais nitidamente conta quão fatal é querer ignorar o historicamente dado. (Comp. qualquer história eclesiástica. Mas, em troca, devo prevenir expressamente ao desejoso de saber que as três linhas que o professor Ranke dedica a este homem realmente grande, *Weltgeschichte*, História Universal II, 171, não contêm nem uma palavra do que havia que dizer aqui.) (Para o conhecimento de Marcião e da gnose em geral são recomendáveis os *Fragmentos einer verschollenen Glaubens*, Fragmentos de uma Fé desaparecida de Mead, traduzidos por Ulrich, 1902, em Schwetschke.)

atribuir a um Deus que faça o que quer. Bela expressão conferiu a essa concepção do mundo Heráclito no fragmento Aquiles, de Goethe:

*Willkür bleibt **ewig** verhasst den Göttern und Menschen,*
Wenn sie in Taten sich zeigt, auch nur in Worten sich kundgibt.
Denn so hoch wir auch stehen, so ist der ewigen Götter
Ewigste Themis allein, un diese muss dauern und walten.

(A arbitrariedade é eternamente odiada pelos deuses e pelos homens, quando se mostra em atos ou mesmo quando apenas se manifesta em palavras. Pois, por mais elevados que estejamos, é somente a mais eterna Têmis[49] dos deuses eternos, e ela deve perdurar e reger.)

Em oposição, o Yahvé judeu pode ser designado como a encarnação da arbitrariedade. É certo que esse conceito de Deus nos é apresentado nos Salmos e em Isaías de modo sumamente grandioso; é também — para o povo eleito — uma fonte de alta e severa moral. Mas aquilo que Yahvé é, ele o é porque quer sê-lo assim; está acima de toda a natureza, acima de toda a lei, o autocrata ilimitado, absoluto. Se lhe apraz escolher um pequeno povo dentre a humanidade e conceder somente a ele a sua graça, então o faz; se quer atormentá-lo, então o envia ao cativeiro; mas, se ao contrário quer presenteá-lo com casas que não edificou, vinhedos que não plantou, então o faz e destrói os proprietários inocentes; uma Têmis não existe. Do mesmo modo se dá com a legislação divina. Ao lado de mandamentos morais que, em parte, respiram elevada ética e humanidade, encontram-se outros diretamente imorais e desumanos;[50] e outros, por sua vez, regulam as coisas mais triviais: o que se deve comer e o que não se deve comer, como se deve lavar, etc.; em suma, por toda parte, arbitrariedade irrestrita. Quem vê mais fundo não deixará de observar aqui o parentesco entre o culto idolátrico primitivo semita e a fé yahvista. Considerado do ponto de vista indoeuropeu, Yahvé seria, na verdade, mais

49 A Têmis foi rebaixada entre nós os modernos a uma alegoria da administração da justiça imparcial, ou seja, de um convenio absolutamente arbitrário e se a representa, de maneira significativa, com os olhos vendados; quando a mitologia ainda vivia, designava o império da lei em toda a natureza e os escultores da antiguidade lhe dão olhos especialmente grandes, bem abertos.

50 Junto às inumeráveis incursões de rapina com assassinato em massa, mandadas por Deus, onde também "as cabeças das crianças deviam ser estraçalhadas contra as pedras", observam-se os casos em que se ordena assaltar e assassinar especificamente "ao irmão, amigo e próximo" (Deuteronômio XXXII, 27), e também as ordens que causam repugnância, tais como Ezequiel IV, 12-15.

um ídolo idealizado, ou, se se quiser, um anti-ídolo, do que um Deus. Em contrapartida, essa concepção de Deus contém algo que, assim como a arbitrariedade, não podia ser extraído da observação da natureza: a ideia de uma Providência. Segundo Renan, “a fé exagerada em uma Providência especial é a base de toda a religião judaica”.[51] Além disso, estreitamente ligada àquela liberdade de Deus encontra-se outra tese: a liberdade da vontade humana. O *liberum arbitrium* é decididamente uma ideia semítica e, em seu pleno desenvolvimento, especialmente judaica; está inseparavelmente vinculada à particular ideia de Deus.[52] A liberdade da vontade não significa nem mais nem menos do que atos de criação eternamente repetidos; quando isso é considerado, compreende-se então que essa admissão (quando se refere ao mundo das representações) não apenas contradiz toda a ciência física, mas também toda a metafísica e significa uma negação de toda religião transcendente. Aqui, a percepção e a vontade se colocam em brusca oposição. Ora, em toda parte onde encontramos restrições a esse conceito de liberdade — em Agostinho, Lutero, Voltaire, Kant, Goethe — podemos estar certos de que aqui ocorre uma reação indo-europeia contra o espírito semítico. Assim, por exemplo, quando Calderón, em *La Gran Zenobia*, faz com que o selvagem arbitrário zombe daquele “que chamou livre a vontade”. Pois — embora seja certamente necessário tomar muito cuidado para não abusar de simplificações esquemáticas desse tipo — pode-se, no entanto, afirmar o seguinte: o conceito de subordinação à realidade é um conceito especialmente desenvolvido em todas as raças indoeuropeias, com o qual nos deparamos reiteradamente nos mais diversos campos, e que indica uma elevada e desapaixonada força de percepção; enquanto o conceito de arbitrariedade, isto é, de um domínio ilimitado da vontade, é

51 *Histoire du peuple d'Israël*, História do Povo de Israel, II, p. 111.

52 Com que fanatismo muito lógico os rabinos propugnam até hoje a incondicionalidade da vontade, que de maneira alguma pode ser interpretada metafisicamente como liberdade da vontade, o que se pode comprovar em qualquer história do judaísmo. Diderot disse: *Les Juifs sont si jaloux de cette liberté d'indifférence, qu'ils s'imaginent qu'il est impossible de penser sur cette matière autrement qu'eux.* "Os judeus são tão ciosos desta liberdade de indiferença que creem que é impossível pensar sobre esta matéria de um modo distinto ao deles." E quão exatamente este conceito está ligado ao da liberdade de Deus e com a Providência, se evidencia pelo alvoroço que se produziu quando Maimônides quis limitar a Providência divina à humanidade e afirmou que não toda folha era movida por ela nem gerado cada verme por sua vontade. - Das chamadas "sentenças fundamentais" do renomado talmudista Rabino Akiba rezam as duas primeiras: 1º Absolutamente tudo está vigiado pela Providência de Deus; 2º a liberdade da vontade está assentada (Heinrich Graetz: *Gnosticismus und Judentum*, Gnosticismo e Judaísmo, 1846, pág. 91).

especificamente característico do judeu e revela uma inteligência muito limitada em relação à vontade. Não se trata aqui de generalizações abstratas, mas de propriedades efetivas, que ainda hoje podemos observar diariamente; em um caso predomina o pensamento, no outro, a vontade.

Permita-me um exemplo concreto tomado do presente. Conheci um cientista judeu que, como em seu ramo a concorrência permitia ganhar apenas pouco dinheiro, tornou-se fabricante de sabonetes, e isso com grande sucesso; mas quando mais tarde também aqui a concorrência estrangeira lhe tirou o chão sob os pés, de repente converteu-se, já em idade madura, em dramaturgo e romancista, e com isso ganhou uma fortuna; a aptidão intelectual era mediana e desprovida de qualquer originalidade; com esse intelecto, a vontade fazia o que queria. A vontade anormalmente desenvolvida dos semitas pode conduzir a dois extremos: em um caso, à rigidez, como em Maomé, onde predomina o pensamento da absoluta arbitrariedade divina; no outro, como no judeu, a uma elasticidade fenomenal, que resulta da ideia da própria arbitrariedade humana. Ao indo-europeu, ambos os caminhos estão fechados. Na natureza, ele observa por toda parte a legalidade, e de si mesmo sabe que só pode dar o seu máximo quando obedece à necessidade interna. Certamente também nele a vontade pode realizar feitos heroicos, mas apenas quando a sua percepção apreendeu alguma ideia — artística, religiosa, filosófica, ou uma voltada para a conquista, o domínio, o enriquecimento, talvez até para um crime; tanto faz: nele, a vontade obedece, ela não comanda. Por isso, um indo-europeu medianamente dotado é tão estranhamente carente de caráter em comparação com o judeu menos inteligente. Por forças próprias, certamente nunca teríamos chegado à concepção de um Deus livre e onipotente e de uma Providência, por assim dizer, “arbitrária”, isto é, de uma Providência que pode fixar algo de um modo e depois, influenciada por orações ou outros motivos, novamente de outro.[53] Não podemos observar que, fora do judaísmo, se tenha chegado ao pensamento de uma relação pessoal muito íntima e constante entre

53 Nunca nos indo-europeus os Deuses são “criadores do mundo”; onde o divino é concebido como criador, como no Brama dos indianos, isto se refere a uma personificação puramente metafísica, não a um sucesso histórico-mecânico, como no Gênesis 1; de outra forma os Deuses se geram “aquém da criação”, fala-se de seu nascimento e de sua morte.

Deus e o ser humano, ao pensamento de um Deus que, se me é permitido dizer assim, parece existir somente para os seres humanos. É certo que os antigos deuses indo-arianos são potências que podem ser chamadas benevolentes, amáveis, quase bondosas; o ser humano é seu filho, não seu servo; aproxima-se deles sem temor; em alguns sacrifícios "toma a mão direita do deus";[54] a falta de humildade diante da Divindade chegou até a horrorizar alguns; mas em parte alguma, como já foi dito, encontra-se a ideia de uma onipotência arbitrária. E a isso está ligada uma infidelidade chamativa: ora se reza a este, ora àquele, ou, se o Divino é concebido como um princípio unitário, uma escola o imagina de um modo, outra de outro (lembre-se dos seis grandes sistemas filosófico-religiosos da Índia, todos considerados ortodoxos); é que o cérebro continua trabalhando de forma incontida, criando novas imagens, novas figuras; o ilimitado é a sua pátria, a liberdade o seu elemento, a força criadora a sua alegria. Observe-se, a esse respeito, o seguinte princípio de um hino religioso do Rigveda (6,9):

Expande-se o ouvido, abre-se o meu olho,

A luz em meu coração se vivifica!

O espírito lança-se a distâncias remotas em busca:

O que devo dizer? E que versos devo fazer?

e compare-se isso com os primeiros versos de qualquer salmo, por exemplo, o septuagésimo sexto:

Deus é conhecido em Judá,

Em Israel o seu nome é esplêndido;

Em Salém[55] está a sua tenda

E a sua morada em Sião.

Vê-se que elemento tão importante da fé é a vontade. Enquanto o ariano, rico em percepções, "lança-se a distâncias remotas em busca", o judeu, forte de vontade, faz com que Deus plante a sua tenda, de uma vez

54 Oldenberg: *Die Religion des Veda*, (A Religião do Veda), p. 810.

55 Abreviatura para Jerusalém.

por todas, na sua proximidade. O ímpeto da sua vontade de viver não só forjou para o judeu uma âncora de fé que o prende ao solo da tradição histórica, como também lhe inspirou a confiança inconmovível em um Deus pessoal, diretamente presente, onipotente para dar e para aniquilar; e o levou, a ele, o ser humano, a uma relação moral com respeito a esse Deus, ao promulgar o Deus, em sua onipotência, mandamentos que o ser humano é livre de observar ou de não observar.[56]

56 Se fosse aqui o lugar para fazê-lo, de boa vontade traria provas mais detalhadas de como esta ideia judaica do Deus onipotente, que obra como Providência livre, condiciona inevitavelmente a concepção histórica deste Deus, e como precisamente contra isto se resiste permanentemente toda percepção genuinamente ária. Assim, p. ex., toda a trágica vida intelectual de Pedro Abelardo se deve a que ele, apesar da mais ardente ânsia de ortodoxia, não pode adequar seu espírito ao materialismo religioso judaico. Reiteradamente chega à conclusão de que Deus faz o que faz por necessidade (em que pôde remeter-se aos escritos anteriores de Agostinho, especialmente a seu *De libero arbitrio*): Isto é antissemitismo intelectual em sua mais alta potência! Também nega toda ação, todo movimento em Deus; "Deus não tem sucessão de tempo" (Veja A. Nausrath: *Peter Abaelard* p. 201 e seg.). Com isto desaparece a Providência. Por demais, para que buscar documentação douta? O nobre Dom Quixote explica com comovedora ingenuidade a seu fiel Sancho: "para Deus não há passado e não há futuro, mas tudo é presente" (livro IX, cap. 8); desta maneira o eternamente grande Cervantes assinala sem rodeios o ponto de vista não-histórico de todos os não semitas.

VI. PROFETISMO

E algo mais não deve ser deixado de lado nesta conexão: o predomínio unilateral da vontade torna a generalidade das crônicas do povo judeu tediosas e desagradáveis; apesar disso, cresceu nessa atmosfera uma série de homens importantes, cuja grandeza peculiar os subtrai a qualquer comparação com outros heróis espirituais. Já recordei — na introdução desta seção e voltarei a eles no capítulo subsequente — esses "negadores" do caráter judeu, que permaneceram eles mesmos tão judeus da cabeça aos pés que contribuíram mais do que qualquer outra coisa para o desenvolvimento do hebraísmo mais rígido; apenas isto deve ser dito aqui: ao tomarem o materialismo religioso pelo seu lado mais abstrato, eles o elevaram, no aspecto moral, a um grau muito alto; sua ação preparou historicamente o terreno, em pontos essenciais, para a concepção de Cristo no que diz respeito à relação entre Deus e o ser humano. Além disso, manifesta-se neles da forma mais clara um importante traço, que tem seu fundamento total e absolutamente no caráter do judaísmo: a religião histórica desse povo põe a ênfase não sobre o indivíduo, mas sobre toda a nação; o indivíduo pode ser útil ou prejudicial para a coletividade, mas, fora isso, carece de interesse; disso derivou necessariamente um traço acentuadamente coletivista, que nos profetas encontra com frequência uma expressão poderosa. Ora bem: se Cristo sustenta, em um sentido, o princípio exatamente contrário, isto é, o do individualismo extremo, a redenção de cada um pelo renascimento, por outro lado sua vida e suas doutrinas anunciam de modo inequívoco um estado que só pode ser realizado mediante a comunidade. O comunismo de "Um só rebanho e um só pastor" é certamente outro que o comunismo teocrático, de coloração totalmente política, dos profetas; mas, mais uma vez, o pano de fundo é exclusiva e caracteristicamente judeu.

VII. CRISTO, UM JUDEU

Pense-se como se quiser acerca dessas distintas concepções judaicas: não se lhes pode negar o poder, nem a capacidade de exercer sobre a formação da vida humana uma ação quase incomensurável. Ninguém negará tampouco que a crença na onipotência divina, na Providência divina e também na liberdade da vontade humana[57], assim como a acentuação exclusiva da natureza moral do ser humano e de sua igualdade diante de Deus (“os últimos serão os primeiros”), constituem pilares básicos da personalidade de Cristo. Muito mais do que sua referência aos profetas, muito mais também do que seu respeito pelas prescrições legais judaicas, essas concepções fundamentais nos mostram Cristo influenciado pelo pensamento judaico. E, se descermos muito fundo, até aquele centro da imagem de Cristo — a inversão da vontade — então devemos perceber — e a isso já aludi no início deste capítulo, na comparação com Buda — “que aqui a negação ariana da vontade recebeu um matiz semítico”. A negação é um fruto da superpercepção; Cristo, ao contrário, dirige-se a seres humanos nos quais a vontade é prepotente, não o pensamento; ele percebe o poder dessa vontade e lhe ordena não o silêncio, mas outra, uma nova direção. Aqui é preciso dizer: Cristo torna-se judeu, e sua imagem só pode ser compreendida se aprendermos a entender criticamente essas concepções especificamente judaicas que ele encontrou e das quais se apropriou.

Se se quisesse dizer que Cristo pertence “moralmente” aos judeus, então, certamente, essa palavra ambígua “moral” teria de ser tomada em um sentido mais restrito. Pois precisamente na aplicação moral dessas concepções da onipotência e da providência de Deus, das relações diretas que delas resultam entre o ser humano e a Divindade, o Salvador se afastou *in toto* das doutrinas do judaísmo; isso é evidente para qualquer um, e além disso procurei torná-lo claramente apreensível em minha análise anterior. As próprias concepções, porém, o quadro dentro do qual se incorporou a personalidade moral e do qual ela não pode ser extraída, a

57 Esta última, no entanto, ao que parece com importantes restrições, já que o pensamento ário da graça aparece claramente mais de uma vez em Cristo.

aceitação questionada dessas premissas referentes a Deus e ao ser humano, que de modo algum pertencem à natureza do espírito humano, mas que, ao contrário, representam uma concepção particular de um determinado povo no curso de uma evolução histórica de séculos de duração: isto é o que há de judaico em Cristo. Já nos capítulos sobre a arte helênica e o direito romano chamei a atenção para o poder das ideias; aqui temos novamente um exemplo luminoso disso. Aquele que vivia no mundo dos pensamentos não podia subtrair-se ao poder das ideias judaicas. E, embora tenha trazido ao mundo uma mensagem totalmente nova, embora sua vida tenha sido como o amanhecer de um novo dia, embora sua personalidade tenha sido tão divinamente grande que nos revelou uma força no interior do homem, capaz — se isso algum dia vier a ser compreendido — de transformar completamente a humanidade, ainda assim a personalidade, a vida e a mensagem estiveram ligadas às ideias fundamentais do judaísmo; somente nelas puderam revelar-se, agir e difundir-se.

VIII. O SÉCULO XIX

Espero que meu objetivo tenha sido alcançado. Partindo da contemplação da personalidade em seu significado individual e autônomo, fui ampliando pouco a pouco o círculo, para indicar os fios da vida que a ligam ao ambiente. Para isso, foi necessária certa amplitude. Em uma cultura nascida tardiamente como a nossa — e, para piorar, numa época de pressa febril, em que os seres humanos precisam aprender demais para poder pensar muito — pesa *a maldição da confusão. Se quisermos adquirir clareza sobre nós mesmos, devemos antes de tudo ver com clareza os pensamentos e as ideias fundamentais que herdamos de nossos antepassados*. Quão extremamente complicada é a herança helênica, quão estranhamente contraditória a romana, e, ao mesmo tempo, quão profundamente elas incidem em nossa vida e em nosso pensamento atuais! Espero tê-lo tornado bem visível. Agora vimos que também a imagem de Cristo, que se encontra no limiar entre a época antiga e a moderna, não se apresenta de modo algum ao nosso olhar de forma tão simples que pudéssemos extraí-la facilmente do labirinto de preconceitos, mentiras e erros. E, apesar disso, nada é mais necessário do que ver precisamente essa imagem de modo nítido e verdadeiro. Porque — por mais indignos que nos mostremos disso — toda a nossa cultura ainda está, graças a Deus, sob o signo da cruz do Gólgota. Vemos, assim, essa cruz; quem, porém, vê o Crucificado? Ele, no entanto — e somente Ele — é a fonte viva de todo o Cristianismo, tanto do dogmático intolerante quanto daquele absolutamente incrédulo. Que isso tenha podido ser posto em dúvida, que o século XIX tenha se alimentado de livros nos quais se explicava que o Cristianismo teria surgido como que por acaso, fortuitamente, como veleidade mitológica, como “antítese dialética” e não sei mais o quê, ou então como produto forçoso do judaísmo, etc., isso dará, em tempos futuros, um testemunho eloquente da ingenuidade de nosso juízo.

A importância do gênio não pode ser superestimada; quem ousaria calcular a influência de Homero sobre o espírito humano? Cristo, porém, foi maior. E, da mesma forma que o eterno “fogo do lar” dos arianos,

também a luz da verdade que Ele acendeu para nós jamais poderá extinguir-se; ainda que, em certas épocas, uma sombra noturna envolva a humanidade em trevas, basta um único coração ardente para que novamente milhares e milhões se inflamem com a claridade do dia. Aqui, contudo, pode-se e deve-se perguntar, com Cristo: “Mas, se a luz que há em ti é trevas, quão grandes serão então as próprias trevas?” Já a origem da Igreja cristã nos conduz à mais profunda escuridão, e a sua história ulterior nos causa antes a impressão de um tatear às cegas do que de um olhar alegre voltado para o sol. Como, então, haveremos de distinguir o que, no assim chamado Cristianismo, é espírito do espírito de Cristo, e o que se acrescentou como aditamento helênico, judeu, romano, egípcio, se jamais aprendemos a ver essa própria imagem em sua sublime simplicidade? Como haveremos de falar do cristão nas nossas atuais confissões, na nossa literatura e arte, na nossa filosofia e política, nas nossas instituições e ideais sociais? Como haveremos de separar o cristão do anticristão e julgar com segurança o que, nos movimentos do século 19, deve ser remetido a Cristo e o que não? E como avaliar em que medida exata Ele se encontra implicado, seja pela forma ou pelo conteúdo, ou ainda se tal manifestação cristã (isto é, pela sua tendência geral) não reveste uma forma característica do judaísmo? Como, sobretudo, seremos capazes de separar e classificar o especificamente judaico, tão ameaçadoramente perigoso para o nosso espírito, do “pão da vida”, se a imagem de Cristo, em seus traços gerais, não estiver claramente diante de nossos olhos, e se não formos capazes de distinguir nitidamente nessa figura o puramente pessoal de seu condicionamento histórico? Com certeza, esta é uma base importante e indispensável para fundamentar um grande número de nossos juízos.

E foi para preparar essa base imprescindível que me esforcei, neste capítulo, na modesta medida de minha capacidade.